

-0. 10/1. 1939

AVULSO

1. ESC.
1.20

ANO III—N.º 119

26
AGOSTO
1943



O nome do namorado...

(Foto António Silva)

Vida
Mundial

ILUSTRADA
Semanaário gráfico de actualidades

AQUI entre Nós



JOAQUIM PAÇO DE ARCOS

deu-nos «O romance, e o romancista» — um estudo sério sobre problema de tão grande actualidade e que fôra primeiramente apresentada em conferência, conforme elogiosamente havíamos registado.



DR. GAMA IMAGINÁRIO

assistente da Faculdade de Medicina e médico dos hospitais, foi escolhido por elementos responsáveis ingleses, para visitar a Grã-Bretanha e verificar quanto naquele país se tem feito nos domínios da Ciência médica.



DR. GONÇALVES VIANA

publicou «Psicologia da Amizade», um estudo de fôlego a que vamos prestar a melhor atenção de leitura e que constitue, como a crítica tem assinalado, excelente prova do valor do seu autor.

UM despacho recente do sr. Ministro da Economia proíbe o fabrico e venda de doçarias finas. Em face das circunstâncias económicas provocadas pela guerra, a medida tomada pelo sr. Ministro da Economia corresponde — temos de reconhecê-lo — às realidades do momento. Se o açúcar escasseia e as galinhas se estão retraindo em matéria de ovos, o fabrico e a venda da doçaria fina equivaliam a um luxo que se não harmonizava, em boa verdade, com os amargos tempos presentes. Os gulosos consideram-se, porém, de luto. Ainda há pouco encontramos um amigo nosso, guloso profissional, enfiado num trágico fato preto e trazendo ao pescoço a mais negra das gravatas.

— Morreu-te alguém? — perguntamos-lhe.

— Não.

— Fôste a algum entêrrito?

— Também não.

— Mas andas de luto...

— Ando — respondeu-nos tristemente — ando de luto pela última trouxa de ovos que comi ontem...

E limpou uma lágrima saúdosa.

II

NUMA das nossas praias do norte uma jovem bailarina espanhola, ao tomar banho, esteve em sério risco de morrer afogada. Um estudante que estava na praia não hesitou um momento: atirou-se à água e salvou a rapariga dum morte certa. Não podemos deixar de registar, com sincero aplauso, o gesto do simpático e corajoso rapaz; mas este caso trouxe-nos à memória a história — porventura imaginada — daquele ousado português, bom nadador, que salvou uma velha inglesa de morrer afogada e teve depois, casando com ela, a fatalidade de naufragar no matrimónio...

III

AS «entrevistas» com pessoas conhecidas ou, pelo menos, com aquelas que constituem um assunto de oportunidade, são um dos pratos mais saborosos do jornalismo. E, entretanto, o leitor está, na

Inventário & Balanço

A VIDA E A MORTE

DOIS desastres semelhantes, ocorridos no mesmo dia, talvez à mesma hora, custaram a vida a duas pessoas: automóveis destravados que se lançaram sem governo ladeiras abaixo, galgando tudo quanto encontraram na frente — coisas e pessoas. Há inquéritos pendentes, apuramento de responsabilidades — e dois corpos nos tabuleiros da «morgue». Está claro que não pode prescindir-se do apuramento de responsabilidades, mas importa que dessa responsabilidade exista uma noção exacta e permanente, que valha como preventivo e cautela. Andam em jogo vidas humanas. Não vale mais ter-se a responsabilidade de guardar vidas do que prestar contas das que se perderam?

O VALOR DOS BOMBEIROS

A semana que passou foi, em grande parte, consagrada aos bombeiros — que tiveram, por coincidência, o seu dia comemorativo. Mas, mais que esse simples momento solene, foi pela actividade profissional a que tiveram de aplicar-se que os bombeiros estiveram em evidência. Na verdade, repetiram-se incêndios de certa gravidade em Lisboa e na provincia. Isto é quasi uma certeza de calendário, pois cada ano, por esta altura, os registos dessa natureza são abundantes: influência do calor atmosférico, que, por sinal, subiu este ano a alturas invulgares. Muitos desses sinistros vieram pôr em destaque a insuficiência dos meios de defesa de que dispõe algumas localidades fora de Lisboa. O caso — já debatido — merece aqui esta referência. É um problema de segurança a considerar em tempo — para não se seguir a prática de pôr tranças à porta depois de ter sido a casa roubada.

A LONGO PRASO...

Lisboa continua a ser a «gare» da Europa, ponto de ligação entre a Europa e o resto do globo, ilha de paz onde os cidadãos do mundo aspiram, de vez em quando, o perfume das flores da tranquilidade. É aqui que chegam os que estiveram no cativeiro de guerra, é aqui que, sob a guarda da nossa neutralidade, os beligerantes vêm fazer os seus câmbios, é aqui que muitos desses homens sentem pela primeira vez, depois de muito tempo, o primeiro ar fresco de libertação, o primeiro momento de regresso, de restituição à vida. Esse momento ficar-lhes-á guardado na memória com uma intensidade que será difícil de apagar: uma recordação de bem-estar. Sada um dos que tiverem recolhido e guardado essa sensação nova será, pelos tempos fora, quando a paz vier, um caixeiro viajante dos possíveis encantos da terra portuguesa.

Vida MUNDIAL
PUBLICA-SE TODAS AS QUINTAS-FEIRAS
DIRECTOR: JOSÉ CÂNDIDO GODINHO
EDITOR E PROPRIETÁRIO: JOAQUIM PEDROSA MARTINS
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA GARRETT, 80-2. — LISBOA
TELEFONE: 2 5 8 4 4

grande maioria das vezes, longe de supor o que custa ao jornalista cozinhar e temperar esse «prato» para que não fique cru — nem indigesto. Jean Cacteau, com o inegável imprevisito do seu espírito, compara a entrevista ao jogo do poker. No poker pretende-se caçar o trunfo seja como fôr; na entrevista sucedeu o mesmo. O trunfo ou, com mais propriedade, os trunfos são tudo — mesmo que não sejam nada. Quem escreve estas linhas detém um dos records da entrevista em Portugal, não em qualidade evidentemente, mas em quantidade. Muita paciência foi queimada nessas aventuras literárias. Um jovem colega encarregado de fazer uma entrevista com determinada personalidade, dizia-nos ontem, pálido de aborrecimento:

— Estive duas horas à espera. Desisti.

Ingénuo! Um entrevistador que não saiba esperar, a pé firme, pelo entrevistado — às vezes durante anos — tem de mudar de vida. Quere dizer: tem de passar a entrevistado.

II

UMA rectificação tem sempre o sabor de caldo requentado, com a agravante de que, quem comeu a gralha, não lê, na maior das vezes, a emenda. De modo que, por principio — as rectificações não se fazem nos jornais, salvo se são de molde a comprometer a idéia de quem escreve... De resto, há gralhas que nem precisavam de ser rectificadas, tão longe andam do bom senso, como esta que apareceu, há dias, no curioso artigo que Botelho aqui escreveu sobre Greco: «a um tempo, esta obra póstuma de Greco possui o poder emocional...».

Ninguém que conheça a cultura de Botelho seria capaz de supor que ele ignora que «O entêrrito do Conde de Orgaz» appareceu antes da morte de Greco. Mas, também, poucos se lembrariam de que, tendo ele escrito obra prima, fôsse apparecer obra póstuma.

Enfim, um parentesco dos demónios que ninguém justificará: nem da parte da revisão, nem da parte da tipografia...



HELENA DE ARAGÃO

uma autora que o público feminino tanto aprecia e que acaba de publicar mais um livro enternecedor. «Vão lá entender raparigas!...» é um romance simples, escrito com inteligência e coração, que vai por certo obter o êxito merecido.



ANTÓNIO SÉRGIO

Um escritor com uma obra de larga projecção nas nossas letras, estudioso e culto, deu-nos «Um problema de Antero», mais uma notável contribuição para o estudo e interpretação da obra do mais extraordinário poeta português contemporâneo.



JAIME CORTEZÃO

A Federação das Academias de Letras do Brasil acaba de prestar-lhe expressiva homenagem, a propósito do seu livro «A carta de Pero Vaz de Caminha», primeiro volume da Coleção dos Clássicos Portuguezes.

A voz dos cegos, lá vai!..



girar, se têm horas marcadas para poder cantar — e se eles são tantos — por que não hão-de escalar-se?

— e se eles são tantos — por que não hão-de escalar-se?

Assim fazem. Uns descantam, enquanto os outros trabalham. E, então, no fim do dia, aquêle do grupo que trabalhou, presta contas ao que ficou de folga...

Cansam-se muito, os pobres cegos: os pés doridos, as gargantas já roucas, os dedos quási dormentes de tanto pisar cordas... Depois, já não podem cantar pela manhã fresquinha, quando a gente quási tão pobre como eles, vai lépida para o trabalho, sem a bolsa esvaziada pelas despesas do dia-a-dia. E quando o sol canicular se esconde e o ar fica mais leve e a gente que regressa os podia encontrar como uma revoada de pássaros saudadores pelo caminho — os cegos de Lisboa regressam também

a casa. Vão mudos, já não podem cantar, porque a «postura» não deixa...

* * *

As ruas de Lisboa são diferentes das ruas de todo o mundo. O seu ar é outro, o seu clima emmoldura tudo, mesmo o que parece disparate ou ridículo, mesmo o que parece destoante.

Não é verdade? Pois reparem na salaio da Malveira, de larga saia rodada e bota de cano alto a saracotear-se ali defronte da Loja das Meias — fica mal?

Quando a varina passa lépida, perna à vela e peixe fresco na canastra, pela rua do Ouro — fica mal?

E quando, pelas 5 horas, misturada com os últimos modelos da Beatriz Chagas, sobe o Chiado a mulher dos «figuinhos de capa róta, quem quere figos quem quere merendar» — fica mal?

Lisboa cosmopolita tem êsse dom absorvente

que mais nenhuma cidade tem. E os seus cantores das esquinas, que às vezes não são cegos, como painéis decorativos que nem Paris se lhe avantaça com o velho do realejo — pertencem à decoração de cada bairro.

Lisboa canta — desde o Tejo, às gaiolas dos canários e aos pregões. E, ao contrário das outras cidades grandes, que cantam pela rádio, em cada esquina, em cada loja, em cada casa — Lisboa canta pela garganta...

E o que canta? Que músicas e que versos? Onde os vai buscar?

Nunca perguntaram, quando os ouvem, aos cantores da rua, onde teriam ido buscar o ganha-pão? Ai está outra grande reportagem...

As vezes, eles, os cegos e os que não são cegos, ouvem as músicas das revistas, aprendem-nas e cantam-nas. Os que não têm a luz do sol reflectida nas meninas dos olhos não têm que pagar direitos de autor porque não lêem; os outros pagam na Sociedade dos Escritores e Autores Teatrais.

Mas, às vezes, coisa estranha, quando passamos ou os ouvimos da janela, não reconhecemos a letra...

Nunca pensaram donde viriam êsses versos adaptados às músicas correntes?

No entanto, se passassem a determinadas horas pelo Limoeiro, se fôsem à visita dos presos ou se os vissem, na janela, a versejar — logo ficavam sabendo: são de reclusos, as letras das cantigas da rua, gente com jeito que se paga barato para que os cegos e os outros cantadores de esquinas apresentem coisa nova, de humorismo ou de tragédia...

A notícia dos crimes — o da Dinah que matou a patroa já tem na forja uma cantiga... — chega célere pela boca dos amigos e a leitura dos jornais. Depois, vem a encomenda ou a oferta da obra, que é rápidamente espalhada, em letra redonda de granel...

Os cegos decoram-nas, cantam-nas, e passam de boca em boca — às vezes de inocentes — essas histórias de crimes, nascidas nas prisões...

Mas que tem? Isso que importa? Não é a nossa cidade que emmoldura e assimila, num gesto comvente, tudo o que parece mais dispar e mais heterogéneo?

A voz do cego lá vai. E, com ela, numa melopodia doce e de saudade, vai muitas vezes também, a voz dos violinos...

CANÇÕES da rua, vozes de cegos que o vento vai levando, sons de violino estragulados pelos rumores dos caminhos!...

Já repararam em quanta poesia vive nesses grupos que todos os dias encontramos pelas esquinas? As vezes, lembram figuras dramáticas arrancadas a algum fundo negro das telas de Murillo; às vezes lembram vultos erguendo-se das páginas de Gorki.

Como vivem, onde vivem essas figuras de lirismo trágico, traço negro da vida, quási chaga na comunidade em que habitamos?

Nossos irmãos de sol — enteados de luz que não enxergam...

Até há pouco, viviam em concorrência pelas ruas; hoje, que a Câmara tomou disposições e regulou a sua actividade, uniram-se no infortúnio e já não se disputam a esquina, a ver quem mais recebe: juntam-se os grupos, fundem-se os agrupamentos, como que se associaram num interesse comum. Se não podem permanecer mais que dez minutos numa rua, se o polícia de giro os faz



actualidades GRAFICAS

Os soldados de hoje sabem que não vão só para o quartel marcar passo e fazer exercicios de combate. Também têm as suas festas desportivas, donde possam tirar lições de civismo e de saúde do corpo. Na primeira foto damos um aspecto da festa que se realizou no Estádio do Lima, do Porto, em que tomaram parte dois mil recrutas: o sr. comandante da região militar entrega as taças aos vencedores das provas...



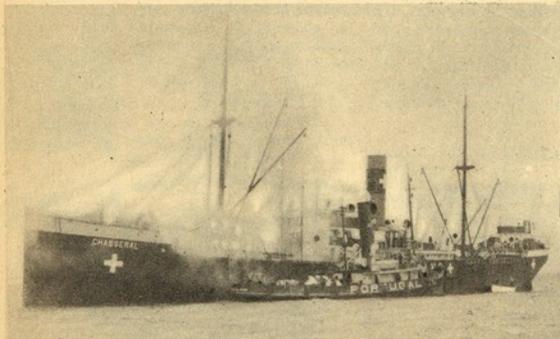
A Festa Nacional da Hungria revestiu-se da simplicidade que os acontecimentos políticos e militares do momento aconselham aos povos, sem deixar de ser grande e nobre no seu significado. Em Lisboa, o sr. Encarregado de Negócios da Hungria mandou celebrar uma cerimónia religiosa em S. Mamede e deu recepção no edificio da legação. Na foto, vemos aquêlê diplomata à saída da igreja.



Lisboa comemorou o «Dia do Bombeiro» — do bombeiro português, o mais rápido mundo. Além de sessões solenes, houve uma grande romagem aos cemitérios, e collocaram-se flores sôbre as campas dos que tombaram na morte.



...a que assistiu, entre o numeroso público, a ilustre violoncelista Gaílhermina Suggia, que vemos ao lado de seu marido, sr. Dr. Car-teado Mena.



O «Chassera», unidade da marinha mercante suiça, que fôra alvo de importantes reparações nos nossos estaleiros, serviu de pasto às chamas, quando se encontrava carregado de copra e outras preciosas mercadorias. Ainda há poucas semanas fôra testemunha de duas recepções oficiais que celebraram, de algum modo, o seu ressurgimento — mas o destino das coisas como o dos homens, depende muito mais das circunstâncias do que deêles próprios...



O sr. contra-almirante Quinção de Meireles, director geral da Marinha, esteve no Norte, em visita aos estaleiros. Acompanham-no, na foto, o chefe do Departamento Marítimo do Norte, o eng.º naval sr. Giraldes e outras individualidades que prestaram esclarecimentos acerca da boa marcha dos trabalhos.



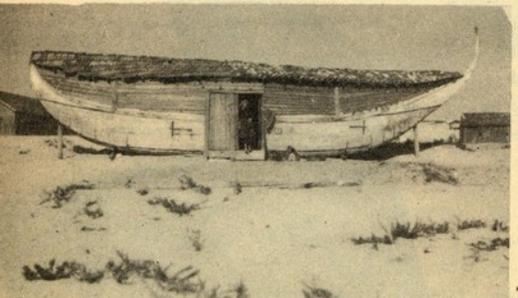
O levantar da rede



Os barracões em que vivem



As redes a secar

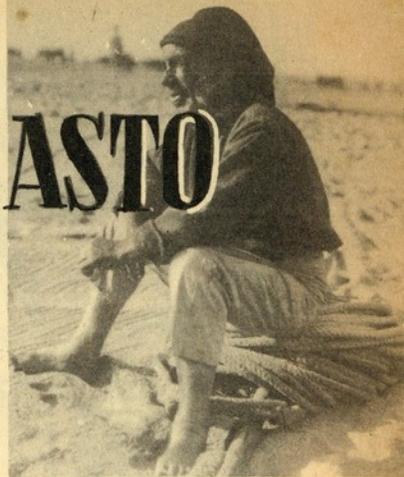


Uma casa improvisada



O povo simples e devoto

A PESCA DO ARRASTO NA PRAIA DO FURADOURO



QUE quadro tão belo, tão maravilhoso, o desta manhã na praia do Furadouro!

A costa portuguesa é uma linha harmoniosa de recorte impecável: dum lado o mar — esse mar que fez a epopeia dum povo; do outro, a terra sinuosa, duma policromia singular, onde se nota a mancha, o esbatido.

Depois, o céu... esse céu azul, mediterrânico, sem rival, para lá da costa sul europeia...

A praia do Furadouro é um bocadinho de tudo isto — uma pequena concha, oferta do Oceano.

Duma luminosidade enorme, a sua vida é pura. Dessa pureza que dá a simplicidade encantadora. Simplicidade como a onda que borrija o fino areal...

Mas a praia do Furadouro tem mais qualquer coisa que a distingue das outras: tem o seu herói — o pescador.

Herói, irmão doutros heróis que na luta homérica com o bravo mar — que os empolga e os clinge no abraço da morte — nos dá na pesca do arrasto, dum primitivismo digno de registo, uma óptima lição de trabalho vigoroso, de beleza e emoção.

* * *

Ala, ala, ala... arriba!

É a canção que cai espontaneamente da boca do pescador.

A ordem de «pronto», o «arrastão» (barcos do arrasto) auxiliado pelo braço forte do pescador, num ritmo cadenciado, afoita-se ao mar, deixando ficar em terra o cabo duma corda que vai desenrolando. Começa, então, a sua árdua faina — a luta com o mar.

Quando o vento — primeiro inimigo — não apoquentava muito o «mar-chão», utilizam o barco pequeno, só diferente do barco grande nas dimensões.

Dentro do «arrastão» vão 45 homens de tripulação aproximadamente, de tronco nu, bronzeado, músculos retezados pelo remar. Como em tudo, obedecem a um homem, à voz do comando: o arraias de mar, que aqui se chama Caetano Tavares, e que é uma figura de velho lobo do mar. No seu sorriso, quasi infantil, há vestígios de tragédia...

A remada é forte e o «arrastão» some-se da vista. Terminada a corda, os homens de bordo lançam a rede para de novo virarem para terra. Ao fazê-lo, desembaraçam-se duma outra corda e, ao encaixar na praia, dão o cabo ao arraias de terra.

A missão dos homens do mar está cumprida. Inicia-se a segunda fase — o trabalho de terra — não menos curioso, arriscado e violento que o do mar.

Aos dois cabos das cordas que correm paralelamente e distam 150 metros um do outro, prendem os «amarradores de bois» juntas de bois — dos mais possantes daquelas redondezas. A cada corda estão destinadas sete juntas de bois. O esforço produzido é brutal e já se têm dado casos dos animais morrerem. O lavrador é caprichoso em apresentá-los. Enfeita-os com vistosas cangas, com desenhos a cores — motivos marítimos, quasi sempre; para os animar no trabalho, penduram-lhes campainhas — como se os bois, no dizer de Ferdinand, fossem lavar o Oceano!...

As cordas estão sinalizadas com umas marcas que têm por fim indicar se a rede vem direita ou não — e, daí, depende o êxito da

pesca do arrasto, que tem também seus segredos...

Estas cordas — a que distância vai o arrastão! — são constituídas por 35 róis, e cada rôlo mede 60 metros. Os animais, tocados pelo agulhão do boieiro, andam numa roda-viva, num labutar incessante, ora subindo, ora descendo no mesmo sentido, a praia, sem um momento de alívio, num sacrifício que dura 4 horas e meia.

O arraias de terra vai dirigindo, atento, a «companhas». Por vezes, tem um gesto, um breve sinal de boné, numa linguagem convencional para o outro arraias que preside, distante, aos trabalhos da primeira corda.

A azáfama cresce à medida que se avistam os dois arinques de madeira, o sinal de que estão próximas as «duas mãos de rede» e do «saco» que traz à retaguarda um «arinque de madeira». As «mãos da rede» destinam-se a vedar a pesca, e no «saco» vem a saltar, vivo, o peixe.

A distância agora das cordas é cada vez menor.

O arraias dá ordens sobre ordens — «anda para o norte, Zé...»

A campanha dos bois tilinta mais, a praia tem mais cor, mais movimento. O areal, que se encontrava quasi deserto, tem mais vida.

O Mário planta um mastro e faz izar uma «ramada» para anunciar a aproximação da rede. Mulheres, de estatura meã, franzinas e quasi tôdas feias, vestes escuras, tresandando ao fartum da sardinha, surgem-nos com o seu chapéu de ovarina, com as canastras de vários feitios e tipos — «gigas», «canastras de negociantes», etc.

O rapazio, pendurado nas saias das mães, monco no nariz, caras irreconhecíveis do asseio, assistem e, quantas vezes, furtam alguma sardinha caída, para trocarem por alguma fruta verde, que adoram...

A algazarra é mais intensa. Os bois andam numa agitação febril. Tudo é acção, colorido, beleza. Passam, pela nossa frente, numa doída corrida, salpicando-nos, dois pescadores, pernas ágeis, que levam aos ombros um «rólo». E que os «homens do mar» vão de novo para o mar, e a isto chamam êles «segundo lança».

Vem chegando mais gente. O guarda-fiscal também. É ensurdecedor. Gritam todos numa confusão diabólica, a nota culminante mas ao mesmo tempo simpática, que a vida é luta, é sangue.

Ala, ala, ala... arriba!

O «saco» vem repleto dêsse tesouro. Está tudo a postos. Cada um nos seus lugares.

Uns com paus — bordões — levantam a rede. Outros, transportam aos ombros sacos de rede com o peixe «vivilho da costa». Procede-se à sua separação — a lota. Homens e mulheres formam roda. O leiloador, Manuel Manarte, vai lançando o pregão, numa cantilena que o comprador dita. O «ajuste» é também digno da melhor atenção. Há quem abane a cabeça, há quem dê piscadela de olho, levante um braço, feito de pé, com os lábios, e te.

As vezes o despique traz ralhos e zangas. Mas tudo passa.

Porém, a «pesca do arrasto», o *ala-arriba* do pescador não pára. A sua vida, que é cheia de incerteza, não desmorece, pelo contrário, no seu martírio está a sua coroa de glória.

Ala, ala, ala... arriba!

A. LOPES DE OLIVEIRA



Este funcionário técnico dos Correios faz prestidigitação nas horas vagas, e...

ARTISTAS AMADORES

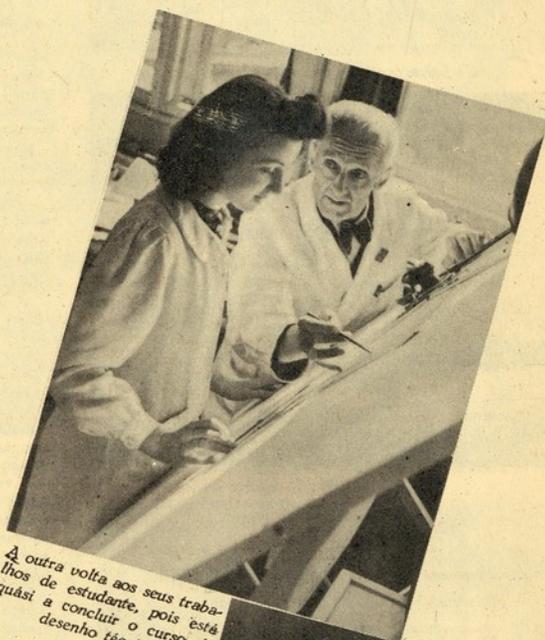
distraem

OS SOLDADOS ALEMAES

MESMO com o mundo em guerra, é preciso criar confiança, optimismo, alegria — três condições fundamentais para vencer ou perder com honra. Os altos comandos de todos os países reconheceram que era necessário descongestionar a tensão nervosa dos soldados, desviá-los, sempre que fosse preciso, das preocupações terríveis da guerra — dar-lhes, enfim, alegria. Como todos, os alemães pensam assim. E, por isso, na secção recreativa da Frente Alemã do Trabalho, se podem inscrever quantos tenham talento para a arte de representar, para a arte musical ou outros modos de divertir. Submetem-se, para isso, a uma prova — mostram para o que têm habilidade — e, se satisfazem, colaboram em espectáculos dedicados à Wehrmacht, que são uma hora de sol espiritual para os soldados e feridos, hospitalizados em estabelecimentos militares. Esses artistas amadores continuam a exercer as suas profissões, pois só nas horas livres e de folga se dedicam à missão de distrair doentes e soldados.



...por isso, resolveu tomar parte nos espectáculos dedicados aos soldados e feridos que, pelos vistos, gostam das suas habilidades...



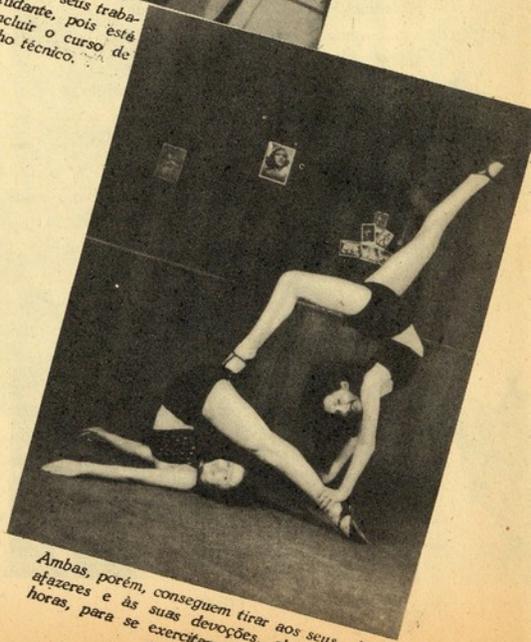
À outra volta aos seus trabalhos de estudante, pois está quasi a concluir o curso de desenho técnico...



Estas duas lindas dançarinas acrobáticas também se exibem num hospital militar...



Uma delas, quando deixa de distrair os feridos e os soldados, regressa ao seu emprego, pois é secretária de uma em presa comercial.



Ambas, porém, conseguem tirar aos seus afazeres e às suas devoções, algumas horas, para se exercitarem no seu número...



7 DIAS DE CINEMA

POR FERNANDO FRAGOSO

dem o tempo, as ilusões e os cuidados... E no entanto é o cinema que arca com as culpas do desagrado, porque não soube dar ao espectador fortuito o espectáculo que ele sonhara. E as vítimas são os vizinhos do descontente, que lhe suportam as patadas de protesto, os ais de indignação e a dança de S. Vito impaciente...

* * *

E aqui está porque dizíamos que *Sinfonia Bárbara* não é um filme para todos, mas apenas para aqueles que sentem e compreendem a magia da voz de Bing Crosby, o dinamismo rítmico de Rochester, a voluptuosa melodia dum «blue»... E esses exultarão, a cada passo, porque o filme é um regalo para os ouvidos, tão rico musicalmente, como pobre, quasi sempre, de imagens.

A desconcertante canção da negra, junto à cama onde Rochester parece exalar o último suspiro, tem uma beleza incomparável. E os acordes dos metais, que dir-se-iam chorar na saudade e no desgosto do amigo que vão perder; as sombras que oscilam, na parede, dança macabra duma luz prestes a extinguir-se — criam um dos mais belos momentos dramáticos do filme.

Se tu, leitor, gostas da música de «jazz»; se te interessa saber como ele nasceu (não te fies muito na versão apresentada!); se admiras, como eu, o Bing Crosby e situas a moderna música americana no plano que lhe compete, sem necessidade de amesquinhar ou exaltar as outras — vai ver *Sinfonia Bárbara*. E se fechares os olhos, aqui e ali, quando a música começar a ouvir-se, verificarás que o filme é um «oásis» repousante, neste Agosto cinematográfico que vai correndo...



Zarab Leander, um linda artista da Ufa que veremos na próxima época cinematográfica

NA ronda sorna das produções que desafiam o calor tropical destas noites de Agosto, com pertinácia muito de louvar, *Sinfonia Bárbara* destaca-se pela curiosidade do tema e pelos méritos do espectáculo. *Birth of the Blues* — assim se chama na versão original — não é com certeza um grande filme e muito menos um espectáculo para todos. Mas temos de convir que lhe sobram qualidades para o impor, e que os admiradores da música moderna, ou, com mais propriedade, da música de «jazz», terão fartos motivos para o ouvir com prazer.

Não é um espectáculo para todos, dissermos — e repetimos. Ainda hoje, com efeito, se contam, em elevada percentagem, os detractores de Gerswhin e de Coler Poter, que consideram a sua música inferior. Com pasmo, assistimos, há dias, num jornal da tarde, a uma polémica sobre música moderna, na qual a «delegada do Ministério Público», senhora da geração de novecentos e herdeira dum nome artístico considerado, definia aquela música como sendo uma «desafinação» de tal forma completa, que um instrumentista poderia tocar dissonâncias sem nexos, perfeitamente integrado no conjunto...

Aos jazzmaníacos, aos jitterburgs, como dizem os americanos, poderemos opor os atacados de jazzfobia e que servem os seus credos musicais com a parcialidade dum benfiquista «enragé», quando se trata de apreciar os homens do Sporting, que jogam em vencedores...

E, no entanto, admito perfeitamente que haja adeptos sinceros da música clássica e, dentro desta, devotos de certos autores, que não «sintam» a *Rapsódia Azul* e que detestem *I've got under my skin*. Mas, perante essa insensibilidade ou êsse desencontro, impõe-se uma atitude de respeito pela composição que, não nos interessando, interessa outras pessoas que estão na mesma sala. Se a reacção que essa música despertar no sub-consciente do inimigo do «jazz» fôr de molde a não permitir que o mesmo conserve a calma, aconselha-se, para os nervos sobre-excitados, o sedativo do ar da noite... O facto de estarem iluminadas as placas que indicam as portas de saída vem em auxílio dos que não conseguem dominar-se...

E possam estas palavras ser lidas pelo meu vizinho da estreia que exteriorizou de tôdas as formas possíveis, com patadas no chão, ais impacientes e dança

de S. Vito na cadeira — o seu desacôrdo com as canções de Bing Crosby e de Mary Martin e daquela prodigiosa cantora negra, que chora, cantando, a falsa agonia do Rochester.

* * *

E já que vem a propósito, falemos de certa fauna de espectadores recalcitrantes, de que o cinema desejará ver-se livre, e que se contam no número dos seus piores inimigos. Porque sejam exigentes?! Insatisfeitos?! Porque tenham em elevada percentagem preocupações de ordem estética e se revoltem contra o comercialismo e a standartização de Hollywood?... Nada disso. O seu mal é só um: não conseguem acertar com o espectáculo de que gostam!

É vê-los e ouvi-los, no intervalo:

— Que maçada!... Uma fita «a antiga»! E eu que só gosto daquelas comédias musicais, com canções e bailados...

Ou então:

— Onde eu vim cair!... Detesto cantoras e «jazz». Se fôsse uma fita histórica...

Há ainda os que opinam:

— Livra! Que grande estopada! Um drama!... Para sofrer, tinha ficado em casa a aturar a família... Cá para mim, ainda não há como uma boa fita policial, com «gangsters» e muitos tiros...

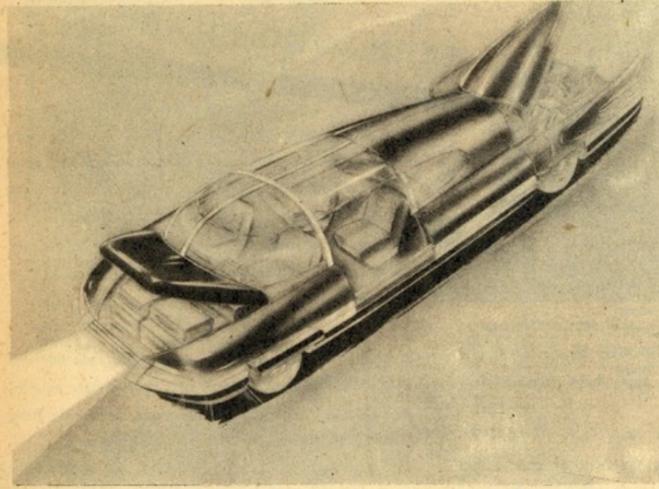
Êstes mortais não são tão poucos, como se possa imaginar. Troçam dos que conhecem os nomes dos actores, dos que distinguem a Judy Garland da Sonia Henie. Procuram amesquinhar, sob uma falsa superioridade, os que conhecem o «estilo» do Capra ou do Lubitsch — êles, coitados, que são todos olhos para o Pinga, para o Julinho e para o Azevedo... Quando vão ao cinema, por via de regra, não sabem qual o género do filme em exhibição, quem são os intérpretes, quais as garantias e as características do espectáculo. E, por isso, ficam muito surpreendidos se *Na Selva das Ilusões*, com Linda Darnell e Don Ameche, não houver leões, nem lutas de crocodilos... Êles que não procuraram informar-se, que se limitam a «ir ao cinema» e não ao espectáculo que constitui determinado filme, culpam o cinema de lhes não dar um Tarzan, quando está a exhibir uma comédia social e ficam furiosos por não ter uma «feérie», quando a tela lhes revela a vida paradisíaca duma tribu dos mares do sul...

Jogam num programa — como quem atira uma ficha para o pano verde. E, as mais das vezes, per-

A AMÉRICA FALA DE:

O MUNDO MARAVILHOSO DO FUTURO...

Há quem descreia do mundo futuro, há quem julgue que ele será maravilhoso, depois do conflito actual. De qualquer modo — e porque quem lá chegar que o veja, e quem não chegar que não se importe — a América fala-nos aqui do que as possibilidades actuais podem oferecer, para comodidade e bem estar dos homens, adaptadas dos conhecimentos directos da química e da física.



Um confortável automóvel futuro

VAMOS aqui esta foto. Apesar de a indústria automóvel se devotar actualmente ao esforço de guerra, não faltam os projectos sobre o que será o automóvel do futuro, em feição de ovo: a «carrosserie» será feita de uma leve matéria plástica, extraída de resinas, sementes de soja, algodão, trigo ou palha. Uma vez que as matérias plásticas têm um poder de resistência ao choque, dez vezes superior ao do aço, deixará de ser necessário o emprego de pára-choques. A segunda pintura será também desnecessária, uma vez que a matéria plástica vem pintada no interior. Semelhante à proa de um avião de bombardeamento, o lugar do condutor e o tejadilho serão feitos de matéria plástica transparente, que, sendo preciso, se poderá tornar opaca em qualquer momento. No interior do carro de amanhã, as cadeiras serão confortáveis e móveis, podendo ser colocadas em diversas posições ou inteiramente tiradas, pois só o assento do condutor será fixo. Os estofos, de matéria sintética, podem ser facilmente limpos, e a necessidade de abrir e fechar janelas será eliminada pelo concurso de um aparelho de condicionamento de ar. O motor, compacto e colocado, provavelmente, na retaguarda do carro, disporá de grande potência e velocidade. A produção de aviões e «tanks» ensinou aos engenheiros a forma de comprimir motores de extraordinária potência em pequeníssimos espaços. Gasolina de elevado número de octanas, refinada por um processo especial de polimerização, aplicada desde que começou a guerra, será empregada nestes carros de grande velocidade. As mudanças serão feitas por processos eléctricos ou hidráulicos e os automóveis disporão de transmissão automática e condução hidráulica. Os pneus serão, provavelmente, feitos de borracha sintética, prevendo-se o dia em que os automóveis passarão a mover-se pelas ondas sonoras como actualmente os aviões. Um sinal constante manterá o veículo na direcção própria e ao mesmo tempo avisará de qualquer desvio do curso normal. Todos os carros terão um aparelho rádio-controlado que avisará da eminência de acidentes e habilitará o condutor a atingir o seu destino no próprio comprimento de onda...

UM AVIÃO EM CADA GARAGEM

Agora, em matéria de aviões, sem falar dos combóios e auto-carros de dois andares, elaborados sob formas «aerodinâmicas»... Fala-se de enormes aeroplanos e aviões sem motor empregados no transporte de carga e passageiros. Afiança-se que os curiosos helicópteros — pequenos aviões com uma hélice de quatro pás, colocada horizontalmente por cima — que podem subir verticalmente, passarão a ocupar o lugar de veículos particulares de utilidade, porque são de fácil manobra e podem aterrar sobre qualquer terreno e levantar voo verticalmente. Pensa-se que terão a forma de automóveis ligeiros, óptimos para as viagens de ida e volta para o trabalho, podendo as hélices ser dobradas quando o aparelho não «for pelo ar». Os combóios de aviões sem motor serão uma das grandes invenções a apresentar depois da guerra. Serão rebocados por grandes aviões «locomotivas», capazes de levar em aviões sem motor o dobro dos passageiros que eles próprios poderiam conduzir — sem falar na condução de carga de toda a espécie. Quanto aos grandes aviões de passageiros, já se projecta a construção de um hidro-avião de cerca de 500 toneladas que disporá de camarotes, salas de refeições, salas de jogos e teatro.

MINHAS SENHORAS, ATENÇÃO!

Agora, minhas senhoras, o caso diz-lhes respeito! Saibam que algumas das casas terão a mobilidade de «trailers». Já hoje as que se constroem para operários provam que as habitações pré-fabricadas apresentam a vantagem de ser mais rapidamente construídas, custarem menos — por serem construídas em série — e, pela sua mobilidade e estilo, proporcionarem grandes vantagens. A casa do futuro será feita de materiais conseguidos da serradura, algodão, pólvora de madeira e resinas, de matérias plásticas e contraplacado, vidro, cimento, magnésio e alumínio. Será feita de peças já fabricadas para o soalho, para as paredes e para o teto, cada uma das quais já traz todos

os elementos, como fios eléctricos, material de aquecimento, etc. Seis operários poderão armar a casa num só dia. As janelas, a toda a altura, permitirão a entrada de luz para todos os quartos. O calor, no inverno, será forçado através de fendas minúsculas abertas no teto, sem necessidade de radiadores, e no verão, através de canos metidos nas paredes, circulará água fria, que refrescará os compartimentos. Por outro lado, os inventores apresentam certos instrumentos que em muito reduzirão o trabalho da dona da casa nos serviços domésticos: fogões, lava-pratos, secadores, refrigeradores, tudo será em moldes absolutamente inéditos. Para a cozinha, o mais saudável invento: o «Sterilamp», constituído por uma longa luz tubular que espalhando raios ultra-violetas destruirão as bactérias. Outra, colocada dentro do refrigerador, impedirá que os alimentos se deteriorem. E mais: Os tubos fluorescentes fornecerão uma luz mais ténue proporcionando maior beleza no conjunto; controlado por um ólio electrónico (que também abre automaticamente todas as portas da casa), as luzes acender-se-ão no momento em que começa a escurecer fora, e, em dez minutos, as salas poderão adquirir um tom diferente, por uma rápida mudança de lâmpadas de uma cor para outra, assim alterando o conjunto decorativo. Por outro lado, todos os obstáculos domésticos, lances de escada, balaustrades, puxadores de porta e outros, serão tão visíveis às escuras como às claras, por ser fosforescente a tinta de que estão pintados os seus rebordos.

Enfim, neste futuro imaginado, o pano de pó passará a ser letra morta; o «Precipitron», aspirador eléctrico inventado pela Westinghouse Company, conservará a casa absolutamente isenta da mais pequena partícula de pó, lavanderias eléctricas virão a simplificar extraordinariamente os métodos de lavagem de roupas, e a secagem será apressada pelo emprego de determinadas lâmpadas, fornecedoras de calor sem luz. Como a cozinha, a casa de banho do futuro apresentará inúmeras inovações: a água será mantida à temperatura desejada pelo emprego de torneiras temostáticas; lâmpadas de aquecimento sem luz, para aquecer o quarto e secar os cabelos após a lavagem... e virão os «controles» electrónicos, o grande acontecimento dos lares futuros: abrirão portas, fecharão todas as janelas assim que começa a chover, apagarão as luzes, regularão o calor dos fogões, despejarão o bule do café, fecharão as persianas, anunciarão a chegada de visitas, a chegada do carteiro... Um mundo novo em que só será indispensável viver, para o gozar!

O aparelho de rádio será uma caixa mágica de diversões, feita de matéria plástica, de molde a condizer com o mobiliário da sala em que se encontra. Cada aparelho combinará as funções de televisão, cinema, discos, livros e notícias, em que o espectador poderá ver acontecimentos enquanto eles se desenrolam.

ROUPAS DE PAPEL... E NOVOS ALIMENTOS

No campo do vestuário, isso, então, muito há que apresentar! Os tecidos serão sintéticos e os fatos serão — guerra aos alfaiates! — feitos por enormes máquinas. No que respeita a camisas, peugas e roupa interior, serão feitas de um tecido semelhante ao papel: depois de usadas uma vez, logo higiénicamente se deitam fora. Acabam-se com os coiros dos sapatos que passam a ser feitos de matéria plástica sintética e porosa, e o tecido dos fatos, embora parecido com a lã, será também sintético. As costuras serão soldadas e o tecido impermeabilizado por uma matéria plástica invisível que o deixa macio e esponjoso. Os sobretudo, esses — serão aquecidos electricamente para os dias frios!

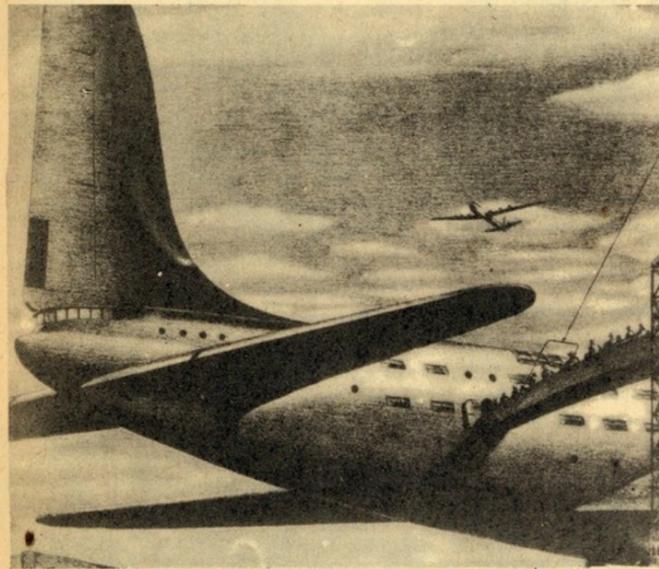
Pensa-se, como se vê, em tudo. De tudo e de mais alguma coisa: do que se comerá e que não deixará de interessar os gastrónomos, do mesmo modo que interessa aos cientistas. Quando a guerra tiver terminado, é natural que as suas descobertas venham afectar os hábitos alimentares da nação americana e de todo o mundo. Os processos de desidratação e concentração foram já aplicados à carne, leite, ovos, e vegetais.

PARA UM MUNDO MELHOR

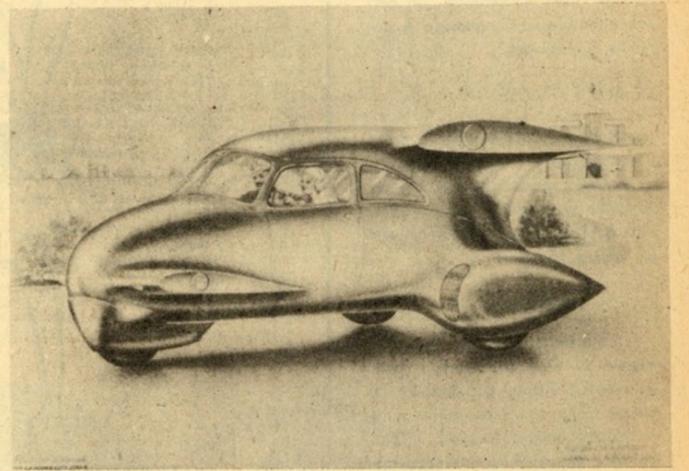
Tudo se prepara para que a vida se revista de características novas e o homem, o ser nobre da criação, obtenha uma soma permanente de regalias que leve ao prolongamento da existência. Já não será preciso, pois, esperar pelo Século XXI: o fim da guerra actual anuncia-se como um grande transformador da vida. De facto, é inegável que a guerra trouxe consigo inúmeros processos novos de conforto e de higiene que podem ser empregados do futuro, durante a paz. Assim, por exemplo, as vítimas da febre do feno têm assegurado um grande alívio: com o auxílio do «Precipitron», aparelho eléctrico que aspira as partículas de pó — acabaram-se os espirros; podem ser evitados pelo uso do mesmo aparelho, uma vez que muitos germes são conduzidos por partículas de pó; aparelhos de condicionamento de ar em todos os quartos serão os óptimos agentes para impedir a fadiga, pelo ar fresco, que fornecem, a um confortável grau de temperatura.

Como a «Sterilamp» da Westinghouse — isto não é reclamação... — o tubo que produz rádio e raios-X, germes condutores de doenças serão destruídos e, com algumas dessas lâmpadas em casa, a família poderá proteger-se contra constipações, gripe, paralisia infantil...

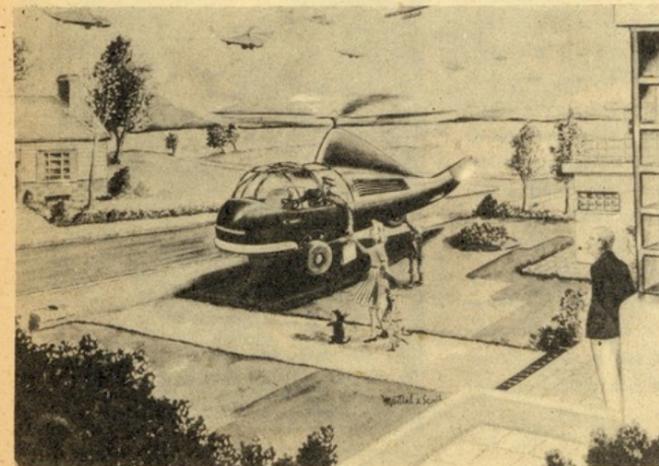
Meus senhores: o mundo maravilhoso de amanhã faz-nos sorrir. Não obstante, ele já hoje é mais do que simples sonho. A ciência industrializada trabalha noite e dia e já alcançou motivos seguros de triunfo. O mundo futuro pode, de facto, ser a maravilha que a América nos anuncia...



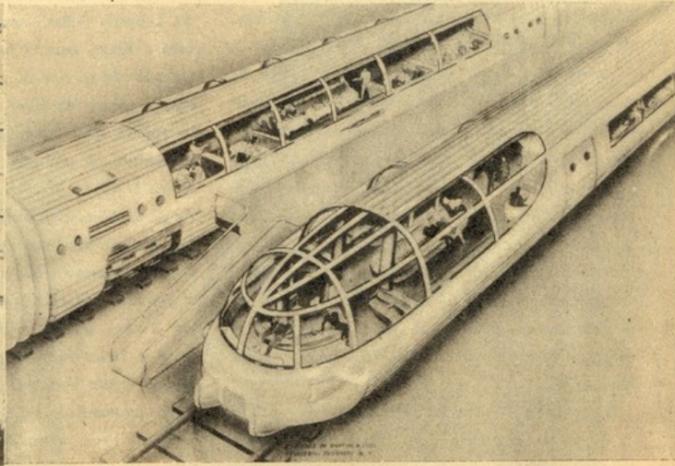
Os futuros grandes aviões de passageiros



A caminho de um mundo melhor



No futuro terá também o avião... para ir e vir do trabalho



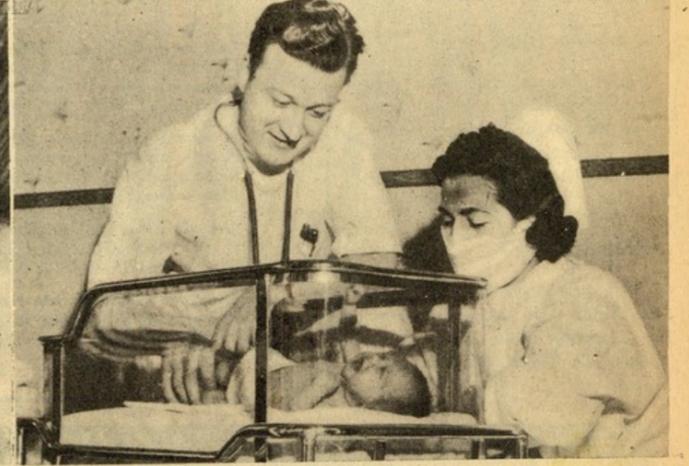
Estes são... os novos combóios para 194...



Os tecidos e os papéis serão soldados electricamente



Os produtos sintéticos de que se farão as suas peugas... leitor



Acabou-se o perigo dos micróbios!

CALCADA DA GLÓRIA

INQUÉRITO

A «Calcada da Glória» publicou, na sua última página, um inquérito feito a alguns dos nossos escritores, acerca da sua actividade literária durante as férias. Hoje se publica a segunda parte desse inquérito, em relação às nossas escritoras — a algumas evidentemente. Devíamos ter começado pelas senhoras — dirão os praxistas. Esquecem-se, porém, de que os últimos são, muitas vezes, os primeiros... Será o caso. A que vai dedicar, literariamente, as suas férias, minha senhora? — eis a pergunta. Seguem-se as respostas, pela ordem do mero acaso.

VIRGINIA VITORINO:

— As minhas férias vou aproveitá-las a dar os últimos retoques num novo livro de versos ou, melhor, em dois novos livros de versos, continuação dos *Namorados*. O primeiro intitula-se *Casados*, e o segundo *Divorciados*...

LAURA CHAVES:

— Este ano não descansarei. Sinto a imaginação a ferver. E aproveitando este fogo sagrado, espero ter concluído em Outubro um novo volume de fábulas: *No tempo em que os homens falavam!*

ANITA PATRÍCIO:

— Eu não tenho férias. Trabalho sempre. O meu dinamismo é anti-reumático. Estou trabalhando ao mesmo tempo em quatro peças; uma verdadeira bateria literária... Títulos? Por enquanto só tenho assente um que julgo saborosíssimo: *Picado original*.

MARIA ARCHER:

— Em Cascais, onde estou, preparo um volume de novelas a aparecer em fins de Outubro, princípios de Novembro: *Chapéus há muitos*... Um nome de se lhe tirar o chapéu não acha?

ALICE OGANDO:

— Já dizia André Bruñ que ainda não havia para passar as férias como Lisboa. Além dumas vagas fugidas ao Estoril, o meu quartel-general é aqui... Aqui sonho — e

MARIA LALANDE E A ESTRÊLA



*Inda me lembro de certo conto brando
Que num livro velho se contava,
Duma princesa que ia andando, andando,
Atrás duma estrêla que a chamava...*

*E assim duma princesa fêz escrava
A linda estrêla que, rindo, cintilando,
Quanto mais a princesa andava, andava,
Mais e mais ia sempre caminhando.*

*Querida Lalande! Tu és como a princesa,
E a estrêla a Arte enorme e acêsa
Que tu seques, risonha e bem ligeira,*

*Cada vez mais te prende e te avassala...
Mas não sei se é melhor tu alcançá-la
Se caminhares p'ra ela a vida inteira!*

VITORINO VIRGINIA

LITERARIO

aqui trabalho. Agora estou eu a dar a última demão na *Vida e obras de Mary Love*, em 32 volumes... É uma coisa monumental, julgo eu — e se eu julgo é porque é...

LIGIA ESAGUY:

— O Verão faz transpirar, mas faz também inspirar. As minhas férias são sempre úteis para mim. Agosto já me deu um livro de versos fresquíssimo: *Ele e Ela em pijama*.

OLGA ALVES GUERRA:

— Os meus amigos Amélia Rey Colaço e Robles Monteiro pediram-me uma peça para a sua próxima temporada. A essa obra dedicarei as minhas férias. Trata-se duma alta comédia para que encontrei um título que reputo feliz: *Dois contra uma*. Que lhe parece?

EMILIA DE SOUSA COSTA:

— As minhas férias? Mas eu não tenho férias. De inverno ou de verão trabalho sempre. Agora estou eu concluindo um novo livro para as crianças: *O Papão da Paz!*

MARIA MATOS:

— As minhas férias passei-as no Luso. Não as aproveitei só para descansar: aproveitei-as também para trabalhar. Estive a ultimar a minha obra: *O teatro de D. Maria*... Matos, é claro...

IRENE LISBOA:

— Vou concluir, à sombra do próximo mês, o 2.º volume de *Esta cidade*... Este sofre uma variação no título. Passa a ser *Esta Lisboa, esta Lisboa*...

D. VEVA DE LIMA:

— Estou a acabar um romance e uma peça. O romance intitula-se *São João dos Bem-casados*, e a peça intitula-se *A primavera* — perdão... — *A primavera*...

Como se verifica, a actividade das nossas escritoras é palpitante. A próxima «saíson» literária feminina adivinha-se admirável. E ainda há quem diga que as mulheres que se entregam a escrever, melhor fariam se se entregassem a bordar!

UMA PÁGINA DE LUIS DE OLIVEIRA GUIMARÃES



O ex-presidente Castillo ensaiava-se para ser adv...

VICISSITUDES DA NEUTRALIDADE ARGENTINA

Por S. SCHMULEVITZ

«NÃO é cômoda a situação de neutro... Nem cômoda nem econômica... Cômoda, ou incômoda, egoísta ou não, a neutralidade não é vantajosa senão enquanto serve o interesse nacional... Esta idéia envolve outra — a de a neutralidade estar sujeita a continua revisão e, por isso, de não poder alguma vez dizer-se que é definitiva... Ela depende mais dos factos que dos propósitos, mais de outros que de desrespeitem do que do próprio que pretende mantê-la. Nem isto, quer dizer que não haja uma política de neutralidade — certo termo-lido demonstrado. Mas significa que, estando o mundo em guerra, mal pode alguém afirmar que, em quaisquer circunstâncias, se lhe conservara estranho. Numa palavra: o desejo de neutralidade não pode ser superior aos interesses da Nações.

Estas palavras de Salazar, proferidas no seu discurso de Junho de 1942, podem aplicar-se, indistintamente, a qualquer país europeu alheio à guerra. Salazar soube expressar em palavras claras e simples o complicado e tão debatido conceito da neutralidade. Quem não deixar examinar o problema da neutralidade argentina — questão política de primordial importância no momento actual — deve ter bem presentes as declarações autorizadas do chefe do Governo português. É certo que essa questão não deve ser observada através dum prisma europeu, por nela influírem factores e circunstâncias de ordem exclusivamente próprias ao hemisfério ocidental, mas, nem por isso, o ponto de vista do observador imparcial carece de substanciais destoações ao apreciar a política seguida pelo Governo de Buenos-Aires.

É impossível prognosticar, por ora, com absoluta exactidão, o caminho por que enveredará a política argentina após o movimento militar de 4 de Junho. É, porém, lícito afirmar que a resolução que desdobrou o regime de Castillo foi apenas a consequência lógica duma situação política e económica que se tornara perigosa. Torna-se indispensável conhecer os factores e as causas que produziram a evolução político-económica da América latina, a fim de entender o motivo do crescente descontentamento popular e militar, consagrado pelos recentes acontecimentos registados naquele país.

A eclosão da segunda Grande Guerra veio provocar, a princípio, uma sensível baixa na situação económica da América latina, que, devido ao bloqueio, ficou privada do mercado europeu. Em compensação, os Estados Unidos aumentaram os seus preparativos bélicos no decurso do ano de 1941, e, por consequência, o seu interesse pelas matérias primas existentes na América do Sul, principalmente depois do ataque a Pearl Harbour, cresceu constantemente, tanto mais que a expansão japonesa no Extremo Oriente privava as Nações Unidas das suas mais importantes fontes de produção de borracha, estanho, tungsténio e outros minérios.

Acto contínuo, a maioria das nações americanas conseguiu multiplicar o volume das suas exportações para os Estados Unidos, em produtos minerais e outras matérias primas importantes à condução de guerra. Sômente a Argentina, como única das grandes nações da América que, além de modestos jazigos de tungsténio e chumbo, não possui recursos minerais apreciáveis, não se encontra entre os fornecedores, prevalecendo na sua exportação os produtos agrários, principalmente a carne e cereais.

No entanto, a questão das matérias primas é apenas um só aspecto desta evolução. Há ainda o problema da industrialização. Antes da guerra, a Argentina era o país mais industrializado da América do Sul, principalmente em virtude da investida de capitais ingleses, e o processo de industrialização transformou a Argentina no país economicamente mais desenvolvido, militarmente mais potente e politicamente mais influente da América do Sul. Paralelamente, desenvolveu-se também uma burguesia moderna, fenómeno social desconhecido na América do Sul, salvo no Chile, onde a classe operária de pura descendência europeia (em que é considerável o elemento italiano), ao contrário do que sucede nos restantes países latino-americanos. A classe média argentina soube desenvolver uma cultura burguesa de feições interessantes e muito suas, e sente-se espiritualmente mais ligada à Europa do que ao continente americano, considerando-se herdeira da «Hispanidade», da tradicional missão de hegemonia cultural da Espanha, embora, até à queda da França, considerasse Paris, e não Madrid, como a fonte espiritual das greis latinas. A crise da França ainda veio aumentar as ambições dos argentinos acerca do papel que a sua pátria está destinada a desempenhar na cultura europeia. O fortalecimento da consciência própria dos argentinos, é o facto que explica a soberana atitude que

os nacionalistas argentinos houveram por bem assumir em face da potência universal da América do Norte, sem levar em conta a considerável distância do número populacional, da superfície territorial, do poder económico e, por conseguinte, da potência política que media entre os dois Estados.

Não constitui nenhum segredo que existiu, durante algum tempo, uma oposição contra os Estados Unidos e a função predominante do capital norte-americano, em quasi todos os países latino-americanos. O «bloco ABC», a colaboração entre a Argentina, o Brasil e o Chile, não foram senão a tentativa de reunir o péso total dos três Estados mais fortes da América do Sul, a fim de acentuar a sua independência em face de Washington. Todavia, o «ABC» deixou de constituir uma constelação política eficaz, porque a atitude geral dos povos ibero-americanos perante a América do Norte se alterou fundamentalmente. A razão foi, em primeiro lugar, devida ao advento de Roosevelt ao poder, e a consequente nova orientação da política externa norte-americana. A política da «Boa Vizinhança» iniciada pelo Presidente Roosevelt afastou os receios das nações latino-americanas quanto às pretensões «yankees» de se insinuar nos seus assuntos internos e, por conseguinte, aquelas já não tinham necessidade de procurar o apoio de potências extra-americanas, no interesse da manutenção da sua independência. Nem tinham já facilidade para fazê-lo, porque, por exemplo, se a Inglaterra se aliara aos Estados Unidos, a França, muito antes do seu «debacle» não se sentia com forças para praticar uma política universal independente, e, quanto ao Japão, uma colaboração declarada com esse país equivaleria a uma provocação aberta contra Washington, e ninguém se queria arriscar a tal ponto. Só no Perú, onde houve, durante algum tempo, uma numerosa imigração nipônica, é que o Japão conseguiu obter uma semi-limitada influência política. Restavam as duas potências europeias do Eixo cujas actividades anti-americanas nos países sul-americanos foram descobertas pelos respectivos governos. A conferência do Rio de Janeiro, realizada sob o lema da solidariedade pan-americana, preconizou o rompimento das relações com o Eixo, e todas as repúblicas americanas sancionaram a proposta, umas mais cedo, outras mais tarde, tendo algumas declarado a guerra, aderindo como beligerantes activos às Nações Unidas. Só a Argentina se manteve à margem, proclamando a sua neutralidade, que indolentemente veio favorecer o Eixo e não deixou, igualmente, de se repercutir na evolução da batalha do Atlântico. Os acontecimentos vieram demonstrar que tudo isto não sucedeu porque o povo argentino assim o quis. Foi a política feita a conta própria pelo presidente Castillo, que se armara em ditador, abolindo todas as liberdades constitucionais. O velho chefe dos nacional-democratas, o partido, dos grandes fazendeiros, julgava-se seguro do apoio do exército, no seio do qual havia influentes círculos militares afectos às ideologias totalitárias, que acreditavam na vitória do Eixo. O edifício governamental de Castillo estava baseado na confiança do exército, e tinha que caducar forçosamente, no instante em que este lhe retirasse o seu

apoio, como aliás o chegou a fazer. Quais os motivos desta brusca mudança de atitude? Não se sabe até que ponto impressionou os generais argentinos a crescente potência das Nações Unidas. O certo é que influíram motivos de ordem interna americana.

A ambição da hegemonia argentina na América do Sul parece, à primeira vista, desproporcional, se tomarmos em consideração que não é a Argentina, mas sim o Brasil, cuja população e superfície são três vezes maiores, o maior Estado da América latina. Facto é, no entanto, que até há pouco tempo a Argentina foi o Estado mais forte, porque o potencial e os recursos do Brasil não foram mobilizados nem explorados na devida escala, tendo em vista que a vastidão e a dificuldade de acesso às regiões remotas do interior não o permitiram. A Argentina, pelo contrário, com a sua bem desenvolvida rede de comunicações e com a sua população quasi 100 % branca, conseguiu efectivamente pôr em prática o serviço militar obrigatório. Possuía, em 1940, um exército de 50.000 homens em pé de guerra e reservas no efectivo total de 282.000, que dispunha dum aparelhamento que, embora insuficiente para as exigências da presente conflagração, era muitíssimo superior ao brasileiro. A produção de armamento, a esquadra e a aviação brasileiras encontravam-se também em nítida posição de inferioridade perante a Argentina, embora o Brasil tivesse suas fronteiras e costas muito mais extensas a defender. A supremacia militar e económica da Argentina pertence ao passado.

Sendo beligerante e beneficiando do sistema de «Empréstimo» e «Aluguer», o Brasil fortaleceu a sua potência militar com o auxílio dos Estados Unidos. E não é só a potência militar que se multiplicou. O Brasil tem feito gigantescos progressos na sua industrialização, que representa o alicerce de todo o poder militar e económico. A indústria pesada, o sistema de comunicações, a instrução popular e as instituições sociais estão a ser activamente fomentadas sob a égide do génio incansável de Getúlio Vargas.

Sendo o Brasil, como é, aliado dos Estados Unidos, a sua posição predominante na América latina é uma realidade incontestável. Ora esta evolução foi um sinal de alarme para o exército argentino do qual dependia o regime de Castillo. Se a Argentina continuasse no seu isolamento voluntário nunca se poderia equiparar ao Brasil. E o exército resolveu agir.

Não obstante, seria equívoco esperar do novo governo argentino, que há só dois meses está no poder, uma brusca e radical mudança de política, o que não estaria de acordo com a consciência própria da nação argentina e o seu complicado sistema de política interna. O restabelecimento das liberdades constitucionais e as eleições que se devem realizar brevemente, hão-de demonstrar para que lado se inclinam as simpatias do último neutro do hemisfério ocidental. Entretanto, é bastante eloquente o facto de o novo governo chefiado pelo general Ramirez — que aliás se considera como provisório — ter afirmado numa das suas primeiras declarações, que a cooperação estreita com todas as nações americanas viria a constituir uma das bases essenciais da sua política.



EM CIMA: Os dois primeiros autores do golpe de Estado: à esquerda o general Rawson e a seu lado Ramirez, que em seguida tomou conta do governo da nação.



À DIREITA: O exército argentino foi modernizado. Compõe-se, principalmente, de infantaria que usa largo chapéu de feltro, como protecção contra o calor, e as armas trazem protectores contra a poeira.

AS ROUPAS QUE VESTEM AS "ESTRÊLAS" E AS CASACAS DOS GALÃS SÃO ALINHAVADAS POR HUMILDES COSTUREIRAS



VAl estrear-se uma revista. Os jornais começam com os largos réclamos e, nas ruas, a invasão do prospecto passa de mão em mão.

Há expectativa. Na noite da estreia lá está o público fiel — o que paga — e o que recebeu para aplaudir, conforme manda o chefe da claqué. As coristas, num friso estonteante, lançam a perna nua — delírio das primeiras filas. A luz dos focos faz rebrilhar os contornos, bezuntados de zarcão. São os joelhos, os tornozelos, as olheiras que se avivaram com pincladas, dentro do camarim. Porém há uma coisa que logo se destaca: a fantasia dos fatos. Chapéus largos de plumas como era usança no tempo dos nossos avoengos — minúsculos chapelinhos americanizados, postos à banda, num ar frívolo de «cabaret»; fatos extravagantes, rebrilhando de lantejoulas, que se entrebem ao lado da coxa, calças largas, quasi saias, para tirar efeito do sapateado — tudo, pródigoamente, bem apresentado, num ar de luxuosa montagem. As vedetas, essas, então, exigem autênticos fatos de seda... Alguns, porém, são de papel... e de papel pintado.

Tudo isto é possível, graças ao espírito empreendedor do guarda-roupa — que tudo remodela e executa como numa fábrica de bom gosto. Um atelier que trabalha para o teatro é um autêntico armazém. Há ali de tudo. Roupa que daria para pôr Lisboa inteira à moda do Minho e o bairro da Madragoa de casaca e chapéu alto. Em grandes armários, que logo cheiram a naftalina, não vá a traça roer o que tem de fazer sucesso, há fatos de marujo de polícia de archeiro, de amazonas e da-

mas de honor. Casacas amarrotadas que vestiram os grandes artistas, desde o Brazão ao Chabi, da grande Angela à Beatriz Costa, do velho Augusto Rosa à endiabrada Laura Alves. Esses fatos servem para toda a gente — a questão é alugá-los. O guarda-roupa tanto fornece o teatro como as récitas dos amadores. As «túnicas» da Ceia dos Cardiais que o grande Brazão imortalizou no Nacional, podem amanhã aparecer no corpo dum João Barbeiro, furioso amador dramático da Sociedade União da Amizade, da Outra Banda. Torna-se necessário que paguem, por cada noite, um tanto. E ao fim duma geração, diga lá o leitor se aquilo já não está pelo preço da púrpura autêntica...

O grande êxito de certas revistas depende, muitas vezes, como é sabido, da apresentação, da maneira como está vestida. As coristas, há trinta anos, entravam em cena de qualquer maneira. A Alzira, a Beatriz, a Rosalina, desde que levassem bem o espartilho, a adelgaçar a cinta, uma boa saia de baixo, com rendas, de nada se importavam. Punham na cabeça chapéus de papelão, vestiam de qualquer maneira, e pronto, o público batia palmas e desejava ver, novamente o tornozelo da chefe de fila. Mas vá hoje fazer-se assim! Querem tudo como na América, como vem nos filmes. Grandes vestidos de autêntico cetim, com cauda, cintos com pedras preciosas, sapatos com vidrinhos, que faisquem. E a própria corista, se o vestido lhe fica largo, grita logo para o contra-regra:

— Oh! sr. João! Isto não se *augmenta*!

Corre logo a costureira, dá-lhe mais dois alinhavos, arranja-lhe o chapelinho com que ela há-de pter ferro ao Dias do Banco, sempre sentado na primeira fila. O espectáculo começa, como invariavelmente principiam tôdas as revistas, por uma parada de pernas. O fato foi o pretexto. Porque o grande êxito das revistas estará no dia em que elas se possam apresentar sem essas maçadas do guarda-roupa...

* * *

Pois um guarda-roupa tem, leitor, muito que ver. Em grandes prateleiras, em «vitrines», sobre mesas compridas, em montões de verdadeiros farrapos, aglomera-se todo um vistoso cortejo de sucessos, que foram aplaudidos pelo público. Os fatos com que Beatriz Costa interpretou esse delicioso «Burrié», as rúbicas de Carlos Leal, os momentos cómicos de Teresa Gomes — que fizeram estalar tanto cós de calças ao pacato burguês — estão por ali, a um canto, à espera de entrar novamente em cena. Jaquetas de saloios, casacas, calças de amazonas, vestidos mundanos, e de santas e frades, fardas de polícia, de condutores de eléctricos, togas, batas, chapéus de bico e de côco, boinas de galego e bonés de faias, numa misturada, salpicada de bolinhas brancas de naftalina, esperam só a primeira voz para regressar ao activo. Bengalas e chicotes, pequenas sombrinhas forradas a papel — um mundo, enfim, de fantasia, que a luz da ribalta faz rebrilhar, num fausto enganador.

As vezes, o dinheiro da empresa não chega para a montagem. E, então, é preciso transformar, mesmo porque a revista não «cheira» e pode ir-se abaixo nas primeiras sessões. É um dar de volta à cabeça — à cabeça dos figurinistas que desenham e das costureiras que transformam os vestidos.

As costureiras, sentadas diante do trabalho, vão alinhavando apressadas toda aquela efêmera glória. Algumas pensam na vida, que está tão má, para quem tem de lutar pelo pão de cada dia — e nem sequer sentem que aquêlê vestido ainda traz um resto de perfume do camarim da senhora actriz. Vale lá a pena pensar! O seu trabalho é aquêlê: alinhavar, desmanchar, encomprar, encurtar. Aquêlê vestido foi de Irene Isidro. Ela é magra, delgada, flexível, como uma «miss» inglesa. É preciso alargá-lo na cinta — vai vesti-lo uma corista que pesa setenta quilos. Mete-se-lhe um enfeite. Sobe a gola e sobe a saia — para cima do joelho, pronto, está catita.

O resto é a história de sempre. Mais uma revista — mais um triunfo de semanas. Há actrizes que são exigentes. Elas mesmas explicam como querem o seu fato. O seu é como quem diz — o alugado. E a costureira, alheia a tudo, ouve a explicação. Fá-lo como pedem.

De resto, ali é só pedir por hõca.

— Um chapéu de côco, para cabeça larga — grita alguém que atendeu o cliente.

Do outro lado respondem:

- Dois saloios para crianças de oito anos!
- Aqui está. Leve o talão. Quere deixar sinal?
- Não, pago já. — E pagam mesmo.

Depois, é uma sociedade de recreio. Queriam levar no dia do aniversário a «Morte de Inez de Castro».

— Salta um D. Pedro e uma D. Inez da vitrine n.º 5!

E vêm os archeiros, os criados, a vassalagem vestida à época, de grossa meia ao joelho.

Mas o director de cena, lá do clube do bairro, não está de todo satisfeito. Coça a cabeça e pergunta ao senhor empregado se não podia arranjar um chapéu para a D. Inez.

— Qual, meu amigo, — olhe que a Palmira representou com esse fato e ficava-lhe às maravilhas!...

E o homem lá abala, com a trouxa, para espantar os sócios da colectividade com aquela verdade: Este fato, foi o da grande actriz Palmira Bastos! Vamos lá ver como se sai a Margarida do tio Xico...

Há-de sair bem, felizmente, graças ao guarda-roupa. Ao menos no fato, há-de parecer a D. Palmira...

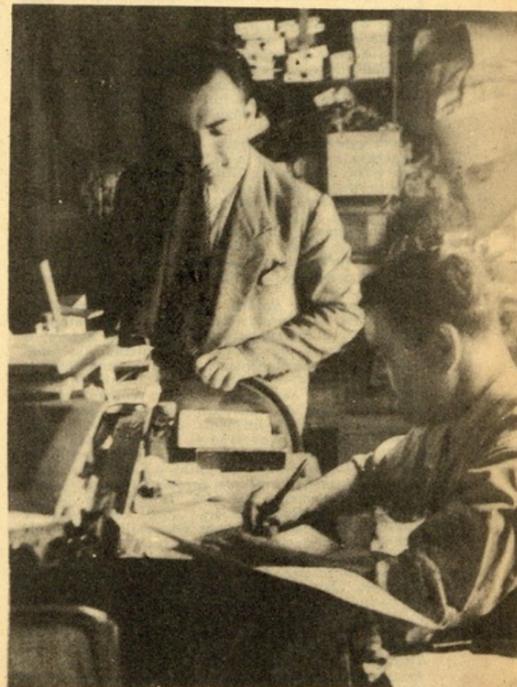
MANUEL MARTINHO



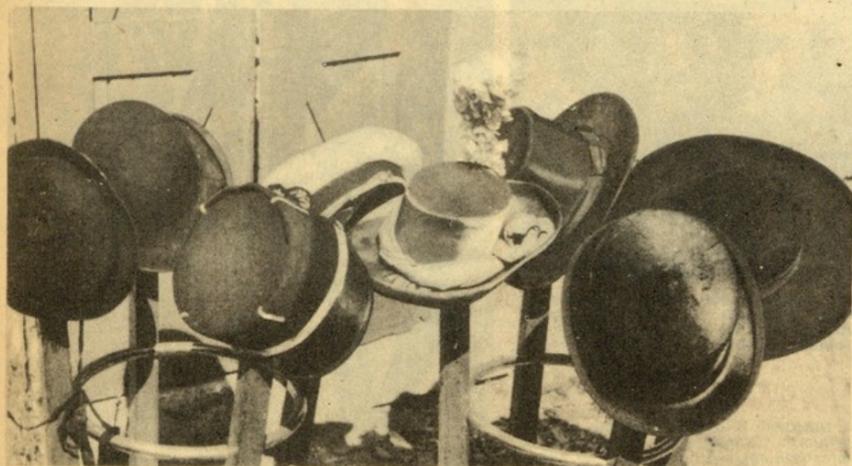
Entremos nas intimidades da Laura Alves: este vestido foi lavado, está a enxugar e logo à noite, nem a conhecem com ele!



Esta pequena não é da revista — mas não ficava lá mal, que é bem bonita. A casaca do Chabi está uma lástima!



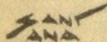
Os escritórios de um guarda-roupa! Coisa séria, meus senhores!...

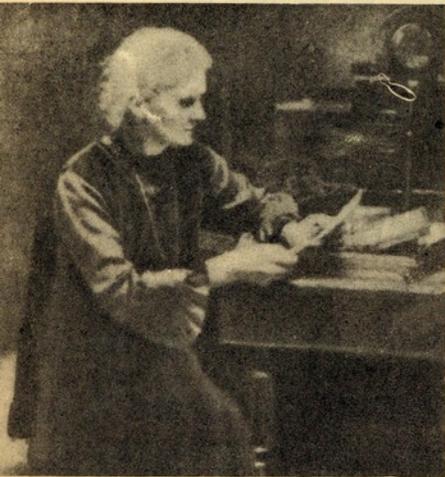


Meia dúzia e dois chapéus que muito bem confirmam a sábia «máxima» do Vasco: chapéus há muitos!...

«Algumas pensam na vida, que está tão má, para quem tem de lutar pelo pão...»

RAMADA CURTO — O «enfant gâté»
das nossas plateias é também um cronista
que o público distingue com justa simpatia.
As suas edições esgotam-se rapidamente —
ao contrário da sua verve que é sempre
mais cintilante hoje que na véspera... A
banca de advogado que pelo ouro lhe rouba
a secretária de dramaturgo — deu-lhe agora
licença para ver o original de uma se-
gunda edição: brevemente, o público terá
reeditado «O Diário de José Maria».





Madame Curie no seu gabinete de trabalho

Marie Curie

A SUA VIDA E OBRA — O SEU EXEMPLO

QUANDO Marie Curie nasceu, o seu país natal encontrava-se sob o domínio russo. Decretara-se o ensino oficial da língua russa, ordenara-se o encerramento das escolas onde brilhasse ainda centelha de revolta. Exigia-se do povo polaco obediência ao governo do czar. Para quem discordasse ou mostrasse querer discordar lá estavam os enforcamentos, os fusilamentos e as deportações.

Foi esse o ambiente que rodeou M.^{me} Curie, durante a sua infância. Porque ela era polaca, da pátria de Chopin, Kosciuzko e Sienkiewicks, daquela nação que, através da História, tem sido como que um brinquedo, nas mãos de dois países poderosos.

A vida desta genial mulher é um exemplo. Desde a infância até à idade avançada, dedica-se em absoluto a tudo quanto possa ser útil à Humanidade. A sua obra projecta-se muito para além da época. Projecta-se a obra e o exemplo também; e talvez mais este do que a obra.

Ao escrever estas linhas, recorro o esforço incrudito, as múltiplas privações e dissabores que conheceu, a falta de recursos que foi apanágio de quasi toda a sua existência.

«Fazer da vida um sonho e dum sonho uma realidade», foi o seu lema. Jámais esta mulher se desmentiu. Quando se colhe o detalhe biográfico aqui ou ali, na infância ou na mocidade, na juventude ou na velhice, é sempre a mesma atitude, a mesma firmeza de carácter impoluto e austero. Sempre pronta a dar-se, a dedicar-se sem exigir em troca nenhuma recompensa.

Há homens de ciência — nestes casos as mulheres são raras —, que embora dotadas duma boa capacidade intelectual, tem no entanto, uma vida moral ao alcance da crítica. M.^{me} Curie não enfileira nessa categoria. Nela tudo se conjuga e harmoniza, desde a uprimo moral, até à grande capacidade mental. E o que é extremamente importante é a constância das suas atitudes, a probidade moral a toda a prova.

Ao pensarmos na obra — que vastidão!

Porque não nos é dado observar uma simples descoberta, produto de coincidências. Há mais alguma coisa do que isso. Há o esforço porfiado, persistente, visando um fim. Ela é ao mesmo tempo autor e actor-cientista e operário — tudo isto por falta de recursos. Na descoberta do rádio não há simples coincidências.

Após a previsão, vem o trabalho levado a cabo em busca duma conclusão. Mas ela é a um tempo mulher que age. Ao contrário de muitos outros que se valem da situação privilegiada adquirida para abandonar a lida, ela continúa até ao fim, sem uma desistência. Luta desinteressadamente.

A descoberta do rádio não estava prevista. M.^{me} Curie partira do estudo das radiações do urânio, iniciado por Henri Becquerel e tomara o assunto para tese do doutoramento. Verificara então que existia um elemento muito mais activo do que o próprio urânio. Persistia em busca dele e encontrara-o: o rádio. Mas no mundo científico teimava-se em não aceitar a novidade e em tomar o acontecimento por um sonho. Pois era preciso demonstrar a esses incrédulos que embora Madame e Pierre Curie sonhassem muito, a descoberta era uma realidade palpável. Levado a cabo enorme trabalho — trabalho de cinco anos que só uma extraordinária persistência permitiu que não afrouxasse — foi então «descoberto» o estranho e precioso elemento.

Daqui em diante, ela continúa a mesma. As mil propostas de lucros provenientes da maravilhosa revelação em nada alterou a sua maneira de pensar e a maneira de ser.

Passados alguns anos, o mundo contemplará as prodigiosas consequências de tal descoberta: M.^{me} Curie tem na família quem continue o seu caminho.

Sua filha Irene Curie invadirá também o campo da radioactividade e tomará parte importante na criação dum novo ramo: radioactividade artificial.

Então as consequências são incalculáveis. O homem terá diante de si novos horizontes que se repercutirão, não só na ciência propriamente dita mas, até mesmo nas concepções filosóficas. Virão novas terapêuticas, novos campos de acção cujas consequências nem ao de leve, sequer, se podem prever.

Há na vida desta mulher única um acontecimento que mostrou bem a sua tenacidade. É a morte do marido, Pierre

Curie. Morto ele, a sua vontade oscila, para logo voltar à normalidade. Ela volta a querer «fazer dum sonho uma realidade». Quando outras teriam ficado a chorar a morte do espôso, ela, embora vítima de grande dor, não afrouxa no trabalho. É preciso salvar a situação, é preciso que o mundo saiba do que uma mulher, só, é capaz.

Fronte vasta, olhar intenso, fisionomia expressiva, traços bem vincados, índices que constituem — o primeiro em especial — segundo alguns, tôdas as características de génio. O génio que, segundo a maioria, se resume numa espécie de loucura, não é, neste caso, observável. Nela, tudo se harmoniza. Por especiais condições de ajustamento, o sonho tende sempre a transformar-se em realidade. O que nuns ficaria eterna quimera, tenderá a transformar-se em realizações.

Pois essa mulher extraordinária também morreu e o aniversário da sua morte passou despercebido entre nós: Na manhã de 4 de Julho de 1934, por entre uma aurora radiante, perante a Natureza que se repetia, indiferente ao lado precário da vida, Marie Curie abandonou a existência. Entretanto, essa mulher era alguém, que abandonava precocemente a vida porque a dedicara a outros, espontaneamente, sem nada lhes ter exigido; alguém que depois dum aturado trabalho com os raios X e com o rádio, durante quasi toda a existência, caiu vítima certaíra das próprias radiações. Alguém, que não se poupou a esforços para o bem dos outros e, de si, tanto se esquecera. Cafra, heróica, duma outra heroicidade não trazida das batalhas, mas conquistada no dia a dia fatigante daqueles a quem uma vez atentou um sonho e para a realização do qual o tempo foi bem escasso.

Louvemos-lhe a existência e a obra, mesmo depois de morta. Já que, em vida, tanto se esqueceram dela — de quem tão bem soube coordenar a vida moral e a devoção à ciência. Exemplo dos mais nobres e vivificantes, possessos na História como quasi única ou único, essa mulher que agiu sempre com a máxima rapidez onde quer que julgasse necessária a sua acção. O exemplo ficou; pleno de sugestões e ensinamentos, apto a furtificar. Mas, só o exemplo, talvez não baste...

JOSÉ DA SILVA

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XXI - A participação americana

4

A COLABORAÇÃO ANGLO-AMERICANA

NO começo de Abril, os governos da Grã-Bretanha, dos Estados Unidos e dos seus aliados tinham a noção exacta de que o ano de 1942 seria o período mais crítico e o ano decisivo para o desenlace da guerra. A intervenção japonesa e as pesadas derrotas que aqueles países haviam suportado, no Extremo Oriente, tinham resultado numa dispersão das suas forças terrestres, navais e aéreas. Os soldados norte-americanos tinham sido enviados para a Austrália e para a Índia em vez de seguirem para o teatro de operações europeu, como inicialmente fora projectado. Os navios ingleses tinham seguido para as águas do Índico e da Malásia em vez de se conservarem no Atlântico e no Mediterrâneo, onde a sua presença era exigida. Os aviões ingleses e americanos tinham sido enviados apressadamente para deter o avanço nipónico, nos limites da Austrália e da Índia, em vez de colanorem nos ataques aéreos ao território do Reich e nas operações em curso no Norte de África.

O objectivo da dispersão de forças dos Aliados, objectivo que fundamentalmente se esperava da intervenção nipónica, fora conseguido. Os dirigentes anglo-americanos procuravam, por medidas adequadas, as quais se resumiam na melhor concentração possível dos seus recursos e na distribuição mais eficiente desses mesmos recursos, minorar os inconvenientes que, para os seus países, haviam resultado da criação e da extensão dos novos teatros de operações em pontos tão distantes como o Extremo Oriente e o Sudoeste do Pacífico. Para esse efeito se realizavam conversações ininterruptas, em Londres e em Washington, nas quais tomavam parte não apenas os chefes políticos e militares mais categorizados dos dois países mas ainda os seus peritos económicos e os seus chefes de indústria mais reputados. As negociações, inicialmente conduzidas em Washington durante o mês de Janeiro de 1942, iam ter o seu seguimento em Londres onde diariamente chegavam personalidades norte-americanas incumbidas das mais diversas e das mais importantes missões que se relacionavam com a condução da guerra por parte dos dois países.

A SITUAÇÃO NA PRIMAVERA DE 1942

A situação política e militar na Primavera de 1942 era de molde a justificar a inquietação predominante em muitos sectores da opinião e nos círculos dirigentes anglo-americanos e justificava que fossem tomadas, com rapidez, medidas adequadas para lhe fazer face. O Reich enviava para o Atlântico um número mais elevado de submarinos do que nunca e estes começavam a actuar, com êxito, em grupos em vez de se confirmarem em ações isoladas. As costas do continente americano constituíam uma zona particularmente perigosa e ao



Uma reunião do Conselho do Pacífico, quando o Primeiro Ministro britânico Winston Churchill, o Presidente Roosevelt, o primeiro-ministro de Churchill: Cox, pela Nova Zelândia; Soong, pela China; Halifax, embaixador inglês nos Estados Unidos; Ewart, ministro dos Negócios Estrangeiros australiano; Mackenzie King, Primeiro Ministro do Canadá; Carthy, ministro do Canadá na S. N.; e Presidente Quezon, das Filipinas.

longo dela o número de afundamentos aumentava incessantemente.

Na Líbia o marechal Romell voltava à ofensiva e no Norte de África os países do Eixo concentravam um número cada vez maior de tropas e de aviões, ao mesmo tempo que aumentava o seu poder aéreo no Mediterrâneo para onde fora enviado o marechal Kesselring que estabeleceu o seu quartel general na Sicília. O perigo dum eventual avanço de Romell projectava-se não apenas sobre o Egipto mas sobre todo o Próximo Oriente, e não era decerto sem razão que esse perigo era encarado em estreita relação com o avanço nipónico ao longo do continente asiático.

A contra-offensiva russa de inverno não ultrapassara a linha de correntes sólidas estabelecida pelos alemães entre Leninegrado e Taganrog. As perdas sofridas pelos exércitos soviéticos tinham sido severas e embora o primeiro inverno na Rússia representasse, para a Wehrmacht, um período de dificuldades, mais tarde reconhecido pelo Chanceler do Reich e pelo marechal Goering, esse período tinha sido dominado e a linha da frente no termo da contra-offensiva de inverno não diferia sensivelmente daquela que se estabeleceu quando a mesma contra-offensiva se inclinou no dia 7 de Dezembro de 1941. Os alemães estavam fazendo, de novo, importantes concentrações de tropas e material e tudo fazia prever que regressariam à ofensiva logo que o tempo permitisse, o que efectivamente aconteceu nos primeiros dias de Maio.

No Extremo Oriente a situação agravava-se, de dia para dia. Os japoneses tinham-se instalado na Birmaníia, por um lado, e por outro tinham rodeado a Austrália dum verdadeiro cordão insular de posições ofensivas. Os arquipélagos do sudoeste do Pacífico haviam passado para os seus mãos e tudo fazia prever que, mais cedo ou mais tarde, eles não deixariam de tentar o assalto ao continente australiano.

PERSONALIDADES AMERICANAS EM LONDRES

O mês de Abril assistiu à chegada a Londres de numerosas personalidades norte-americanas. No dia 8 de Abril, o Primeiro ministro da Grã-

Bretanha recebeu o sr. Harry Hopkins e o general Marshall. O primeiro era o enviado especial e o confidente do Presidente dos Estados Unidos, especialmente encarregado de tratar todos os assuntos relacionados com a aplicação da lei de Empréstimo e Arrendamento. O segundo era o chefe do Estado Maior das forças armadas dos Estados Unidos e o organizador do seu exército. Estas personalidades conservaram-se, durante dez dias, na capital britânica e a natureza das conversações que ali tiveram dizia suficientemente da natureza da sua missão.

O sr. Hopkins, além das frequentes entrevistas que realizou com o Primeiro Ministro, avistou-se com a rainha Guilhermina da Holanda, com o rei Haakon da Noruega, com o Secretário de Estado para os Negócios Estrangeiros, sr. Eden, e com o embaixador do seu país, sr. Winant. O general Marshall conferenciou demoradamente com os chefes dos vários serviços e das várias armas. Ambos regressaram aos Estados Unidos no dia 19 de Abril, sendo acompanhados na sua viagem de regresso pelo Primeiro Lord do Mar, Sir Dudley Pound. Sobre a natureza e a importância desta visita o sr. Eden, respondendo a uma pergunta que lhe foi feita na Câmara dos Comuns, declarou que elas haviam decorrido perfeitamente e que deviam considerar-se muito importantes para o prosseguimento da guerra e para o estreitamento das relações entre a Grã-Bretanha e os Estados Unidos, cujos objectivos eram comuns.

No dia 2 de Maio chegou à Grã-Bretanha, ido dos Estados Unidos, o ministro dos Estrangeiros da Austrália, dr. Ewart. Em seguida à sua chegada foi oficialmente anunciado que, durante a sua presença em Londres, o dr. Ewart assistiria às reuniões do Gabinete de Guerra. Esta declaração era sintomática quanto às dificuldades que a Austrália estava atravessando. O dr. Ewart assistiu igualmente a todas as reuniões do Conselho de Guerra do Pacífico que se realizaram durante a sua permanência na capital britânica.

No mesmo mês de Maio foi anunciada a chegada a Londres de categorizadas individualidades militares americanas que vinham para ficar e tomar o seu lugar no teatro de operações europeu. Entre essas individua-

lidades contavam-se os generais Dwight Eisenhower, a quem devia ser enviado o comando das forças americanas na Europa, e depois o comando das forças aliadas no Norte de África, e o general Mark Clark, que devia desempenhar o principal papel na preparação do desembarque anglo-americano no Norte de África e comandar o 5.º exército americano que para ali foi, mais tarde, enviado.

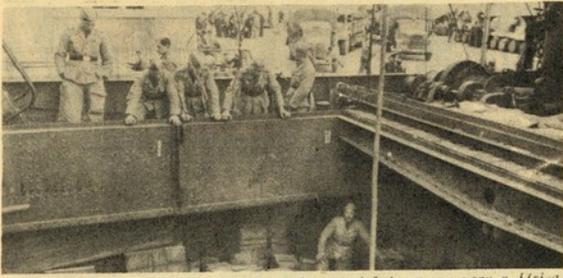
Com estes dois generais, chegaram a Inglaterra o general Arnold e o almirante Towers, chefes do Estado Maior do Exército e da Armada. Estas individualidades, imediatamente após a sua chegada, celebraram uma série de reuniões com os chefes militares da Grã-Bretanha, e foi durante a sua permanência em Inglaterra que se realizaram várias demonstrações do potencial de guerra da Grã-Bretanha naquela altura, entre as quais avultou a realização do «raids aéreo a Colónia, que mais tarde se soube ter sido uma demonstração capaz de servir de base a organização de futuros «raids em que a R. A. F. e a aviação americana, que começava a chegar a território britânico, deviam colaborar. O general Arnold estudou com os marechais do Ar britânicos, Portal e Harris, as consequências das lições que era possível tirar do «raids que nos referimos, e foi este «raids que serviu de cetsa para a futura política de bombardeamentos que veio a ser mais tarde executada, partindo da plataforma britânica.

Ao mesmo tempo, como mais tarde foi também revelado, durante essas conversações traçaram-se as linhas gerais do plano que devia executar-se para o desembarque em Marrocos, plano que veio a ser ultimado e aperfeiçoado durante a nova visita que aquelas personalidades americanas fizeram a Londres, no mês de Julho.

PERSONALIDADES INGLESA EM WASHINGTON

Ao mesmo tempo que se realizavam estas visitas, realizavam-se outras, não menos importantes e significativas, de categorizadas personalidades inglesas a Washington. O ministro da Produção de Guerra da Grã-Bretanha, sr. Oliver Lyttelton, que pouco antes havia assumido estas funções, foi um dos primeiros visitantes. Os organismos de cooperação anglo-americanos, criados em Janeiro, começavam a funcionar com as dificuldades características duma tarefa que se empreende, e a visita do ministro britânico tinha, entre outros objectivos, o de facilitar esse funcionamento e de tomar, no local, as medidas aconselhadas as circunstâncias para que, no plano económico e no plano da cooperação industrial, se fizesse tudo para conseguir o maior rendimento possível da máquina de guerra anglo-americana.

Pouco depois da chegada do sr. Lyttelton a Washington anunciou-se a chegada a esta cidade do chefe do Serviço de Operações Combinadas, Lord Louis de Mounbatten, cujo conselho era considerado necessário para a criação e desenvolvimento dum serviço idêntico entre as forças armadas dos Estados Unidos. Embora as provas que até ali tinham dado não houvessem ainda consagrado a organização dos «Comandos», os norte-americanos tinham em mente a preparação dum corpo semelhante, os «Rangers», e a experiência de Lord Mounbatten era considerada preciosa para que a organização americana viesse a cooperar, eficazmente, no fu-



Constante envio de grandes contingentes de material de guerra para a África. A criação das Nações Unidas problemas cuja solução imediata se impõe.

turo, com a organização britânica. Tanto em Londres como em Washington encarava-se a necessidade de realizar no futuro, como efectivamente veio a acontecer, operações anfibias de enviguarda, pois os chefes militares dos dois países eram de opinião que qualquer tentativa eventual de desembarque no continente europeu teria de ser precedida de operações dessa natureza.

A PRODUÇÃO COMUM

Se a visita de Lord Louis de Mountbatten e os seus resultados imediatos se não traduziram por qualquer manifestação pública, a chegada e a permanência em Washington do sr. Lytton foi acompanhada duma série de declarações e discursos que serviram para esclarecer os seus fundamentos e os seus objectivos. O ministro britânico era acompanhado por vários peritos do seu ministério, entre os quais se contava Sir Walter Layton, e pelo chefe dos serviços de abastecimentos americanos em Londres, general Sommerville.

Da visita do sr. Lytton resultou a criação imediata de dois organismos: um destinado a pôr em comum a produção de guerra dos dois países cuja direcção foi assumida, simultaneamente, pelos srs. Lytton e Donald Nelson; outro para pôr em comum os recursos dos dois países em géneros alimentícios, cuja direcção foi confiada ao ministro da Agricultura norte-americano, sr. Wickard, e ao chefe da missão britânica que estava em Washington especialmente encarregado de tratar as questões de alimentação, sr. Brand.

Perante a sucessão dos reveses militares que estavam a suportar nos vários teatros de operações, os anglo-americanos julgaram necessário fazer a demonstração pública de que os seus vastos recursos seriam oportunamente aproveitados e utilizados para fins de guerra, e que nesse sentido se estavam envidando todos os esforços. Pouco depois da sua chegada, o sr. Lytton fez uma declaração pública afirmando que tinha ficado vivamente impressionado com os progressos registados na produção de guerra norte-americana e que o funcionamento dos vários organismos encarregados de pôr em comum os recursos anglo-americanos não deixaria de ser incessantemente aperfeiçoado durante os tempos mais próximos, sendo essa mesmo a razão principal da sua visita.

UM DISCURSO SOBRE A PRODUÇÃO

A fim de que a opinião pública, que nos dois países se encontrava impressionada com a marcha dos acontecimentos militares, não se mostrasse desiludida com o esforço de guerra que se estava realizando, o sr. Oliver Lytton fez em Washington um discurso que foi radiodifundido também para Inglaterra e no qual falava largamente do estado da produção naquela altura. O orador referiu-se, de maneira especial, ao esforço de guerra do seu país, dizendo, entre outras coisas, que a Grã-Bretanha, com uma população de 33 milhões de habitantes entre os 14 e os 65 anos, tinha a trabalhar na indústria da guerra 22 milhões de indivíduos de ambos os sexos. Entre esses trabalhadores figuravam mais de três milhões e quinhentas mil mulheres, a maior parte das quais não trabalhava em tempo de paz.

A Grã-Bretanha, segundo os números fornecidos pelo sr. Lytton no seu discurso, estava produzindo 257

mil veículos anualmente, e mais de 10 mil peças de artilharia. A produção de navios mercantes, de que não forneceu cifras exactas, aumentara, no último ano, de 57 por cento. Sobre o ritmo da produção de aviões, o ministro da Grã-Bretanha também não forneceu números definitivos, limitando-se a acentuar a sua importância e os progressos registados nas fábricas da especialidade.

«Não há, disse o sr. Lytton, negócios como habitualmente em Inglaterra. Não há produção, como habitualmente em Inglaterra. Lançamos tudo o que temos na guerra. O nosso nível de produção está agora a ser ultrapassado pelos Estados Unidos. Trata-se duma aposta que teremos muito prazer em perder».

O sr. Oliver Lytton seguiu dos Estados Unidos para o Canadá, onde se demorou alguns dias e onde realizou várias conferências com personalidades canadianas e especialmente com o chefe do governo do Canadá, sr. Mackenzie King. No Canadá o sr. Lytton fez uma declaração que precisa sobre o ritmo da construção aeronáutica, dizendo que a produção de aviões, em Inglaterra e nos Estados Unidos, começava a ultrapassar a produção, dos países do Eixo.

O MÊS DE JUNHO DE 1942

Para as Nações Unidas, cujas dificuldades militares não haviam diminuído (renovar-se a ofensiva alemã na Rússia e o marechal Rommel concretizara os seus propósitos ofensivos no Norte da África enquanto a campanha submarina registava um crescente apreciável) o mês de Junho foi um mês de grande actividade política e diplomática. Esta foi principalmente desenvolvida nos Estados Unidos e por iniciativa deste país.

Depois da assinatura do pacto anglo-soviético, de 26 de Maio, o comissário do povo para os Negócios Estrangeiros, Molotov, esteve em Washington, onde se conservou alguns dias antes de regressar à Grã-Bretanha. Ao contrário do que acontecera em Londres, desta visita não resultou a assinatura de qualquer tratado russo-americano mas apenas duma declaração comum dos dois países.

No dia 14 de Junho, por iniciativa do Presidente dos Estados Unidos, celebrou-se em Washington pela primeira vez, o dia das Nações Unidas. Esta designação, como se sabe, nasceu em Janeiro, seis meses antes, quando da visita do Primeiro Ministro aos Estados Unidos. Esta primeira comemoração constituiu a pretensão para se fazerem várias declarações sobre a identidade de propósitos das referidas nações e sobre o desejo comum que as animava de cooperarem na guerra e na paz.

O sr. Roosevelt fez um discurso radiodifundido em que começou por saudar dois países que haviam recentemente entrado na guerra: o México e as Filipinas, cujo presidente, sr. Quezon, se encontrava nos Estados Unidos, para onde seguira depois da ocupação pelos japoneses do território filipino. Em Londres também o dia das Nações Unidas foi, pela primeira vez, comemorado com a realização duma parada militar em que tomaram parte contingentes de tropas inglesas e americanas e dos domínios britânicos e representações das forças armadas dos pequenos países da Europa que tinham exilados na capital britânica os seus governos. Nos domínios britânicos e na China aquela data foi igualmente comemorada.

(Continua)

«VIDA MUNDIAL ILUSTRADA», é composta e impressa nas Oficinas Gráficas Bertrând (Irmãos), Lda — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. — Distribuidores exclusivos para Portugal e Colónias: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2.6942.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Horas	Estações	Comprimento de ondas	Horas	Estações	Comprimento de ondas
7.45	WCRC	31.1 m. 9650 kc/s	18.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	19.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
	WRUW	49.6 m. 6040 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
9.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s	20.30	WDO	20.7 m. 14470 kc/s
12.45	WERX	30.3 m. 9897 kc/s		WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
	WDL	30.8 m. 9750 kc/s	22.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
13.45	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s		WGEA	25.3 m. 11847 kc/s
	WERX	30.3 m. 9897 kc/s	23.00	WGEO	19.6 m. 15330 kc/s
14.45	WERX	30.3 m. 9897 kc/s		WDL	30.8 m. 9750 kc/s
	WGEA	25.3 m. 11847 kc/s	00.45	WDL	30.8 m. 9750 kc/s
17.45	WDO	20.7 m. 14470 kc/s	01.45	WDJ	39.7 m. 7565 kc/s

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMERICA em MARCHA

P A P Y R U S

- PAPYRUS — O melhor papel para escrever
- PAPYRUS — O melhor papel para imprimir
- PAPYRUS — O melhor papel para Títulos de Crédito
- PAPYRUS — O melhor papel para Apólices, etc.
- PAPYRUS — Os melhores livros comerciais
- PAPYRUS — Os melhores sobrescritos
- PAPYRUS — O melhor papel para cartas



A venda nas Papelarias e Tipografias

Depósito geral:

Amador A. Dominguez & C.ª (Filho)

Rua dos Correios, 70

LISBOA

End. telegráfico PAPIRO — Telefone 2 5854

PASTA MEDICINAL

Conto

CURA estomatites

TRATA as doenças da boca



OS OLHOS DO MUNDO!



Quem será este tenista, surpreendido assim pela objectiva? Nada menos do que Wallace, vice-presidente dos Estados Unidos, que foi colhido pela retina de uns olhos indiscretos: os da objectiva do fotógrafo que o reproduz numa partida com a «stars» inglesa Ruth Mary Hardwick.

Quem o não conhece? É o Dr. Goebbels, ministro da Propaganda do Reich, que foi recentemente a Wuppertal, martirizada pelos últimos «raids» da R. A. F. Num discurso recente, Goebbels, referindo-se ao que viu e às expressões de carinho que recebeu da multidão — a foto as demonstram — protestou violentamente, contra estes «raids» destruidores que em nada decidirão os destinos da guerra.



A guerra é tão instável como o pêndulo em movimento. Aqui temos uma nova resolução dos altos comandos alemães, chegada até nós por intermédio de Istambul: Na Grécia, as forças italianas vão ser substituídas pelas forças alemãs. Eis uma peça da D. C. A. alemã, apontada, num pórtico de Atenas, para o Mediterrâneo.

Todos têm o dever — e por que não o direito? — de colaborar no esforço da guerra. Estas raparigas alemãs foram mobilizadas; pertencem à «Artende Alemã» — e prestam serviço, no cenário magnífico, numa quinta onde fazem a criação de galinhas.



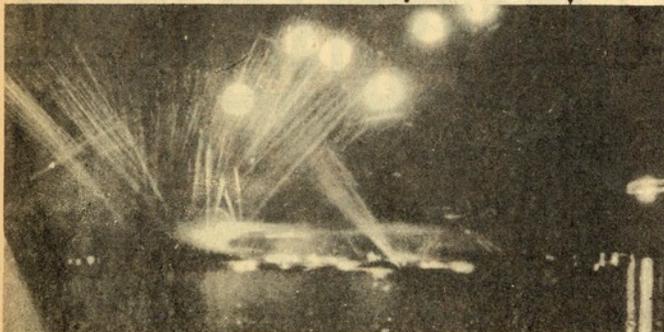
Chandralekha e Nagantara Pandit, sobrinhas do «leader» hindu Nehru, chegaram a Nova-York para ingressar num colégio como bolsistas de uma comissão composta de antigos discípulos da sr. Chang-Kai-Chek.

Nesta foto, tirada de Rorschach: projectores varrem o céu, enquanto trou o canhão e os aviões ingleses lançam projecteis luminosos.



Berlim — para não dizermos, a Alemanha inteira — prestou homenagem aos seus soldados, vivos ou mortos. Chamou a essa homenagem o «Dia dos heróis» — uma homenagem tocante em que os feridos não foram esquecidos por Hitler que aqui vemos em visita a um hospital. O chanceler alemão, excepcionalmente, ausentou-se do «front», para assistir ao «Dia dos heróis».

Depois da invasão da Sicília — Palermo recebe irrimavelmente os exércitos invasores. Eisenhower criou, imediatamente aos primeiros desembarques, corpos administrativos que já fizeram leis. Entre as ruínas, os sicilianos têm os editais e cartazes de propaganda.





A Torre do Bugio vista ao longe...

DA "PRAIA NOVA" À TÔRRE DO BUGIO

É dentro desta esfera que se acende a manga de gás, alimentada por grandes reservatórios. Por sua vez, a esfera está dentro duma cúpula de vidro, e no espaço compreendido entre ambos só cabe um homem: o faroleiro.

Qualquer toque pode deslizar a grande peça de cristal, a lembrar um aquário gigante.

Enquanto alguns dos visitantes tomam banho junto à ponta de areia que outrora ligava o Bugio à Trafaria, nós continuamos em reconhecimento. Encontramo-nos na plataforma maior onde quatro guaritas vazias espreitam o horizonte. Que panorama magnífico!

Mais uns degraus abaixo e estamos no disco inferior, onde ainda existe uma antiga peça de artilharia, bronzada, cujos pontos-de-mira representam dois dragões.

No interior da fortaleza, os antigos cárceres são agora depósitos de combustível, arrecadações, escritórios, alojamentos; no pátio em redor, belos canteiros d'horta e de flores. Há ainda a cisterna e uma capelinha nua, onde os habitantes da Trafaria ouviam missa depois de palmilhar algumas léguas de areia — e, finalmente, a dispensa. No inverno, há dias em que o transporte de mantimentos é feito em escaleres, e nos grandes temporais empregam-se foguetões e cabos de vai-vem.

— Devem sentir-se sós nesses dias brumosos — preguntamos.

— Não — responde o faroleiro-chefe. — O tempo e a natureza são grandes companheiros, e o mar oferece espectáculos sempre novos. São as lutas entre os peixes e, às vezes, entre os barcos e as vagas, e é pena quando qualquer buque ferido lá segue à deriva, desmantelado...

O relógio-sol marca meio-dia. De bordo soa o sinal de retirada. Já o pequeno escaler se aproxima. Tomamo-lo e, enquanto se afasta, todas as atenções estão presas ainda à curiosa arquitectura suspensa num montículo de rochas, sempre vigilante.

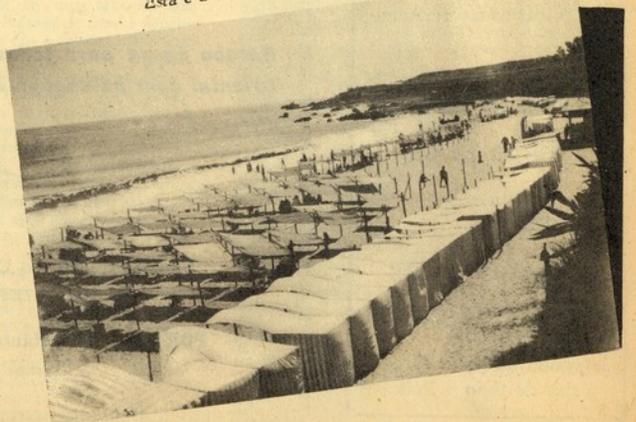
Bugio carece de restauração, e diz-se que sim, que vai ser beneficiada com importantes reparações.

Que saibamos, só por duas vezes a torre teria recebido obras: em 1836, quando era director dos Faróis do Reino G. Fontana, e mais recentemente por mandado do ex-ministro das Obras Públicas, sr. Artur Alberto Campos Henriques.

JUDITH MAGGIOLLY

(Fotos Serra Ribeiro)

Esta é a nova praia de Paço de Arcos...



VAMOS baptisar uma linda praia que nasceu em Paço de Arcos? Muita gente já lhe chama «praia dos pinheiros», outra chama-lhe «praia nova».

Mas o pinheiral e o eucalipto da cerca do quartel, a mata que do outro lado da estrada beneficia o ar e protege a praia do vento norte, não está nela integrada de maneira a dar-lhe o nome...

«Praia Nova»? Porém, aquela era a antiga praia do «inglês morto», porque, em eras distantes, ali deu à costa o corpo do comandante Couray Shiphy, morto em combate, próximo do Tejo...

Que nome, então, vai bem à interessante praia, uma das mais belas e agasalhadas da linha?

O leitor vá pensando, enquanto nós continuamos viagem...

Mercê das obras para a nova doca militar, foram ali extraídos muitos dos maiores pedregalhos. A corrente das areias que costumava estender-se até à antiga praia — já muito reduzida pela estrada marginal — encontrou a muralha nova entrando pelo rio numa boa profundidade, e foi ali acumulando, atapetando, dando amplitude à graciosa praia que hoje mede cerca de 300 metros por 100 de largo.

A direita, aponta o Oceano e, mesmo defronte, ao largo, ergue-se a histórica Torre do Bugio, convidando a um agradável passeio sobre o espelho tranqüilo do Tejo. Nós somos dos que não resistem à tentação de ir até lá. Acompanham-nos o sr. Dr. Ernesto de Castro e Silva, médico de Paço de Arcos e nosso simpático guia. Seguem também alguns banhistas, que o barco abastecedor do forte — hoje apenas farol — comporta ainda muita gente.

Entre os timoneiros, encontra-se um descendente do famoso salvador de vidas, o Patrão Lopes.

Fuma cachimbo, e a sua figura enrugada e rude em contra-luz com o cenário da outra margem, banhado de sol a projectar-se no mar, é um precioso quadro.

Mas, chegámos. O barco fundeia e um escaler transporta-nos até à primitiva escada de pedra escorregadia de musgos. No alto, abre-se o portal, única entrada da fortaleza, encimado por braço de bronze onde se lê: «Construída por ordem de D. António Luiz de Menezes, Conde de Cantanhede, Governador da Fazenda e Governador das Armas de Cascais em 1643».

Recebe-nos o chefe faroleiro, sr. Pedro Ferreira Pacheco, que cursou em Leça a Escola de Faroleiros.

* * *

Leitor: se da janela do seu quarto avista o piscar matemático — para cada farol sua cor — de luzinha longínqua, pense bem que, para aquela luzinha, ora branca ora verde — no Bugio é verde — aparecer, conjugando-se numa rotação impecável com a rota da linha de navegação — dois relâmpagos verdes dentro de 20 segundos — muitos e meticulosos cuidados são necessários.

O aparelho lenticular catadiótrico é uma grande esfera de grosso cristal rebrilhante, cujos polos são rasgados em anéis lenticulares debruidos de metal cromado.

O seu alcance luminoso é de 23 milhas para luz branca e de 20 milhas o relâmpago verde. Executa o seu movimento de rotação, flutuando num lençol de mercúrio...

Cultive a alma de seus filhos

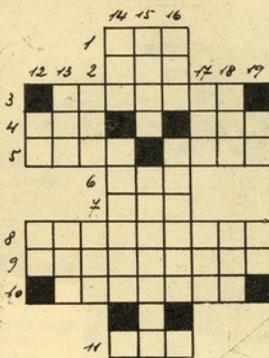
Praticar o «sport», fazer gymnastica, é ótimo para precaver a saúde de seus filhos. Mas ouça um bom conselho:—Cultive-lhes também a alma. A música dorme no coração de todas as crianças. Desperte-a. Ter em casa um rádio-receptor ou um gramofone, não basta. É preciso que elas próprias executem a Música. Para este efeito nenhum instrumento existe como o Piano. Nêle aprenderão a conhecer a verdadeira grandeza da Música e, no futuro poderá V. Ex. contar com a sua gratidão. Encontrará um vasto sortido de pianos verticais, próprios para seus filhos aprenderem, nos



**ESTABELECIMENTOS
VALENTIM DE CARVALHO**
Rua Nova do Almada, 97
LISBOA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 77



HORIZONTAIS: 1 — Semelhante. 2 — Interj. de admiração. 3 — Vernáculo. 4 — Inflexão; Furor. 5 — Praticad;

Engenho de tecer panos. 6 — Compreender. 7 — Larva que se cria nas feridas dos animais. 8 — Sossegava. 9 — Desprezava. 10 — Tornat a mirar. 11 — Concórdia.

VERTICAIS: 2 — Governanta; Ice. 12 — Pronome pessoal; Aspecto. 13 — Tira de pano que rodeia algumas peças de vestuário; Antigo peso e medida indiana. 14 — Após; Enganar. 15 — Elevado; Construir. 16 — Soberrano; Enredar. 17 — Reme para trás; Altar. 18 — Reza; Anda. 19 — Clima; Art. f. pl.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 76

HORIZONTAIS: 2 — Cal. 4 — Belém. 6 — Graças. 8 — Arear. 10 — Gisa. 12 — Seul. 14 — Dili. 16 — Crás. 18 — Getúlio Vargas. 21 — Iam. 22 — Dea. 23 — Aos. 24 — Ripa. 26 — Obra. 28 — Ana. 30 — Ais. 31 — Arcaria. 34 — Arrua. 35 — Uma.

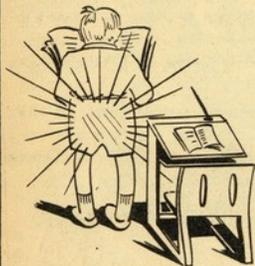
VERTICAIS: 1 — Falte. 2 — Ceará. 3 — Lelas. 4 — Brasil. 5 — Maracá. 7 — Agitação. 9 — Alagoas. 11 — Humina. 13 — Urraria. 14 — Det. 15 — C.de. 17 — Sás. 19 — Ida. 20 — Vão. 25 — Pará. 27 — Baia. 29 — Parma. 32 — Crú. 33 — Rua.

Vida MUNDIAL Ilustrada

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES		ESTRANGEIRO (com convenção)	
3 meses (13 números).....	13\$00	6 meses (26 números).....	40\$00
6 " (26 ").....	26\$00	12 " (52 ").....	80\$00
12 " (52 ").....	52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)	
ÁFRICA PORTUGUESA		6 meses (26 números).....	47\$00
12 meses (52 números).....	68\$00	12 " (52 ").....	94\$00

Um aluno brilhante...
no fundo das costas...



— triste figura de que sua mãe facilmente olhava se lhe limpasse o lustro das calças com o incomparável

Casulo
limpa-fatos

infallível na eliminação perfeita

do lustro e das nódoas da roupa

À venda nas boas Drogarias de todo o País.

Companhia Nacional de Navegação

VAPOR

"CUBANGO,"

DIRECTO A LOURENÇO MARQUES

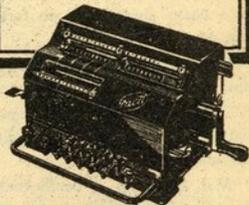
Saída em 14 de Setembro

Recebe carga para todos os portos da Costa Oriental com baldeação em Lourenço Marques

LISBOA — Rua do Comércio, 79 e 85
Telefones 23021 a 23026

PORTO — Rua Infante D. Henrique, 73
Telefone 1434

Para
Cálculos rápidos



Só com 10 teclas. Controle de inserção. Transporte total das dezenas nos 2 registos. Cómoda para pôr a zero. Mecanismo completamente fechado.



SOCIEDADE COMERCIAL LUSO AMERICANA, L.^{da}
Rua do Prata, 145 R. 34 do Bandoira, 330
LISBOA PORTO

Ex.^{mas} Senhoras
Antes de partirem para férias visitem os lindos modelos de VESTIDOS, CASACOS E "LIGIERES"
Expostos nos salões de LUCINDA & INEZ, L.^{da}
R. D. Estefânia, 117, 1.º

UMA ENTREVISTA
DE AUGUSTO FRAGA

WENCESLAU FLOREZ,

O ESCRITOR QUE GOSTA DE JOGAR AOS CINCO CANTINHOS COM A PRÓPRIA VIDA...

Profundamente desconcertante conversar com Wenceslau Fernandez Florez. A sua graça especial tem um raro encanto que desarma os mais atentos às encruzilhadas a que pode levar o seu subtil humorismo. A sua graça especial não é, como ele próprio muito bem diz, uma graça física que tanto pode surgir de uma anedota de espírito como do acto físico de fazer cócegas. É uma graça fulgurante, muito característica, muito sua. Profundamente céptico, Wenceslau Fernandez descreve dos homens ou, antes, do homem. E não o faz por atitude meramente intelectual. Vê nele sempre uma entidade bárbara e feroz que não hesita em fazer com que a publicidade moderna aproxime as idéias mais opostas, tais como um sapo e um frasco de perfume, uma moeda de ouro e uma pétala de rosa... O grande humorista espanhol fala sempre com uma seriedade desconcertante. Compraz-se com afirmações impossíveis. Sempre efusivamente de ironia, o discípulo e tradutor do nosso Eça tem o prazer especial de contar certas coisas às avessas, tal como as observa o seu humor, ilógicas e ridículas quase sempre. Todavia, na sua graça há sempre um fundo melancólico de poesia. O seu jeito de narrar as coisas proposadamente absurdas como se fossem naturais, inevitáveis e deste mundo, num subliane encanto de trocar as voltas, de jogar aos cinco cantinhos com a própria vida — é o fundo mais destacado da sua forte personalidade de humorista que se diverte à brava com aquelas teses que o homem aceita como permanentes.

O escritor galego Wenceslau Fernandez Florez tem um lugar à parte na literatura espanhola dos nossos dias. São estas características inconfundíveis da sua obra de crítica e de humorismo que o impõem, aliadas à sugestiva fluidez da sua prosa saltitante e original. É um dextro malabarista de paradoxos que sabe exibir-se neste circo da vida, rodeado de espectadores tristes e macabúzios.

Wenceslau Fernandez Florez sugeriu, uma vez, que no interior dos cavalos, que vão para a lide, se guardassem «confetti» e pombas para que no momento da investida do touro as pombas voassem e o «confetti» se espalhasse pela arena... Isto nunca se esqueceu e foi idéia que me ocorreu sempre que vi uma tourada. Que delícia o espírito deste homem que, como ninguém, soube retratar todo o ambiente de Madrid, toda a tragédia da vida e da morte da Espanha «vermelha», e que chegou até o público português através de crônicas vividas, intensas de emoção em que passavam, por vezes, traços de fina ironia, escarpeladores de uma sociedade bárbara que se debatia numa agonia feroz e sangrenta!

— Aquela maneira alegre e descuidosa com que eu contemplava a vida — disse o humorista espanhol — e que possivelmente caracterizava os meus livros e os meus artigos tinha-a perdido na enfermidade do espírito que foi a minha permanência na Espanha «vermelha»!

De facto, Fernandez Florez foi obrigado a fazer uma demorada «cura de repouso» antes de recuperar esse optimismo. Esteve em terras de França, mas estamos certos de que foi em Portugal que encontrou melhor ambiente para a «convalescência». O ar do Estoril foi-o queimando, foi-lhe dando a cor morena da liberdade. E fé-lo

esquecer episódios, como este, por ele próprio relatado sobre a sua evasão do inferno madrilenho:

— Encontrava-me escondido em Madrid quando me convidaram a acompanhar para Valência, onde ia embarcar com destino ao estrangeiro, uma leva de indivíduos até ai refugiados na legação da Holanda. Acedi, mas ao chegar à capital levantina surgiu um incidente. Haviam já saltado todos para bordo, quando a policia marxista fixou os olhos em mim. «Estou perdido» — pensei. Tinha-me reconhecido por este maldito nariz aquilino, do mais aquilino que Deus fez, e que os fotógrafos e caricaturistas tanto divulgaram com prejuizo para mim, naqueles meses trágicos de Madrid, pois, com outro diferente, fácil teria sido escapar-me. Não fui para a prisão, porque o cônsul holandês se opôs e me levou para casa dum subdito inglês, onde fiquei hospedado. Alguns dias depois, vieram anunciar-me que alguém pro... meta arranjar-me um passaporte holandês, com o qual fácil seria abandonar a zona «vermelha». Agradei, e acrescentei: — «Está bem, mas com a condição de me arranjarem também um nariz holandês...». Como não obtiveram esse nariz, tive de continuar em casa do inglês e consegui depois sair para o estrangeiro, servindo-me de outro estratagemas...

Wenceslau Fernandez Florez não oculta o seu amor ao nosso país e o seu profundo sentimento de espanhol. Gosta tanto da nossa paisagem humana que se sente em Portugal como numa segunda pátria. Diz até que gosta tanto dos portugueses que, se o tivessem assassinado durante a guerra civil espanhola, pensava vir igualmente todos os anos fazer-nos uma visita, pelo menos, como fantasma. É uma afirmação digna de registo, porque traduz o alto aprêço em que tem o nosso país, que é amigo íntimo da sua Galiza. Fernandez Florez não oculta a sua paixão pelas nossas serras e montes. Não deixará de ir, outra vez, ao Bom Jesus e a Santa Luzia, pontos que lhes mereceram estas observações curiosas:

— Os portugueses mostram-se especializados neste importante trabalho de embelezar montanhas. A força idealista da raça leva-os, sem dúvida, a preferir para lugares de prazer aqueles que estão mais perto do céu e donde podem descobrir-se mais dilatados horizontes. O português, mesmo aburguesado, tem olhar de navegante...

Ao ouvir Wenceslau Fernandez Florez, acedemos à idéia a influência em Espanha de Eça de Queiroz que encontra neste seu irmão espanhol a sua mais digna representação — mas representação com personalidade. Se a ironia foi para o nosso grande Eça apenas um elemento, para Wenceslau Fernandez Florez tem sido a própria essência da sua obra. E esta alarga-se cada vez mais, conquistando já os domínios do próprio cinema:

— Ultimamente, tenho-me consagrado, em especial, a escrever argumentos e diálogos para filmes. O cinema é uma arte que interessa muito. Seduz-me a sua fonte inesgotável de possibilidades. Adoro tanto o cinema como olho desconfiado para um aparelho de rádio. Estou sempre de pé atrás com estas coisas das ondas... Surgem-nos sempre as coisas mais inesperadas nas horas mais diversas. Já reparou como, às vezes, no momento de uma reunião alegre com familiares e amigos,

temos de ouvir um senhor falar de coisas muito sérias que podem ser de política ou de filosofia? Mas também pode acontecer o contrário, que é aturarmos um senhor a falar de futilidades, nos momentos mais graves e solenes da nossa vida caseira. E, depois, acima de tudo, não posso com os senhores que tosem e até espirram diante do microfone, na altura em que estamos a comer a sopa. Com que direito fazem isso na nossa casa, sem nunca nos terem sido apresentados? Não acha que a rádio é atrevidamente desconcertante?

Disse-lhe que sim, e fiquei a pensar na fórmula literária do palhaço melancólico, tema absoluto de um número enorme de peças e romances de êxito, que teve o seu fim no dia em que nasceram os humoristas alegres, quando os homens puderam rir das suas «blagues» sem pensar em histórias dolorosas de famílias a sustentar, com filhos chorando, pedindo o pão obtido com o sacrifício paterno de pintar o rosto e dar cambalhotas na pista. O humorista moderno ri da sua própria ironia. Quando o público se diverte com a sua «verve», ele também sente o valor da sua arte e soita a gargalhada que é o rompimento de todos os laços de parentesco com os colegas de outrora, que se sentiam obrigados a chorar debaixo da máscara grotesca da «maquillage». A arte de fazer rir, em todas as épocas, foi querida dos homens porque ainda é o meio mais eficaz de esquecer as tristezas da vida...





À MARGEM DAS DISCUSSÕES... PORQUE NOS AGRADA O TOUREIRO DE GREGÓRIO GARCIA

—êses «ases» que cobram uma fortuna e nada dão em troca. E esse público se entregou em absoluto a Gregório Garcia, e esse público o elegeu seu ídolo. Porque percebe pouco de touros? Porque se deixa apaixonar na inconsciência de um momento de entusiasmo? Não, o público entregou-se a Gregório Garcia, anima-o, segue-o a toda a parte onde toureia porque encontrou, enfim, quem tudo lhe oferece num esforço generoso e honesto, quem não o ludibria nem o apouca! A sua preferência é, pois, justificada, compreensível e natural. Afirmar o contrário é desvirtuar a verdade.

O nosso propósito, porém, não é defender a atitude do público de touros mas sim, e apenas, dizer, longe das exigências das crônicas habituais, porque nos agrada o toureiro de Gregório Garcia, num depoimento mais a juntar aos muitos que sobre o assunto se têm feito.

Em nosso entender, a corrida de touros pode ser encarada sob dois aspectos profundamente diferentes: o técnico e o artístico. Encara-o sob o aspecto técnico aquele que vai aos «touros» e se compraz em apontar defeitos de execução, de marcações de terrenos, preocupando-se com pormenores mínimos desde que venham referidos em bolorentos tratados de tauromaquia, teimosamente agarrados a princípios que consideram imutáveis e rigorosos quando em realidade são na sua maioria discutíveis, pois que dentro da verdadeira arte, as concepções rígidas são até certo ponto a negação própria da própria Arte. Se os princípios são inalteráveis, como considerar Ravel um compositor, se existiu um Mozart? Como considerar Zuloaga um pintor, tendo existido um Rafael Sâncio? Mesmo dentro da tauromaquia portuguesa, quem temos que irradiar da arte de picar touros a cavalo: José Bento ou Núncio, que estabeleceu um toureiro diferente e tão profundamente belo? Ficam em suspenso as perguntas, mas não sem deixarmos a afirmação de que Ravel como Mozart nos merece apreço, como Zuloaga e Rafael, e que sem sombra de dúvida preferimos Núncio ao adipe José Bento por muito grande que tivesse sido no respeito e observação das normas estabelecidas.

Sob o aspecto artístico, a corrida de touros é um conjunto de atitudes galhardas e belas, sucessão admirável de aguarelas finíssimas, ricas de cor e movimento, harmonia extraordinária mas real entre um homem vestido de ouro e seda e a musculatura brutal e rude de um touro enraivecido — harmonia tanto mais estética quanto mais dispaes forem as atitudes: quanto maior for a ferocidade do touro e mais fina e graciosa a atitude do toureiro. O que parece um paradoxo é um quadro de luz deslumbrante! Nesse conjunto de beleza só há lugar para

a própria beleza que o enche tão completamente que não deixa espaço para as exigências de ordem material estabelecidas como princípios básicos num tempo em que o toureiro tinha mais de brutal que de «belo, mais de luta que de arte.

Visto sob este aspecto, Gregório Garcia é dos toureiros que mais nos satisfaz, e se não escrevemos que é o que mais satisfaz é porque não podemos esquecer La Serna, de um temperamento artístico que até agora ainda não foi igualado. No entanto, note-se, o toureiro de Gregório tem sobre o de Vitoriano a vantagem de ser mais fortemente emocionante, porque é mais «arrimado», executado incrivelmente dentro do perigo.

Gregório Garcia agrada-nos inteiramente como ciador de beleza, como toureiro-arte, que empolga, que faz vibrar as multidões, não lhes dando tempo nem disposição para consultar tratados ou interrogar conhecimentos adquiridos.

Tudo isto, porém, não quer dizer que o mexicano, apreciado à luz da técnica, seja uma nulidade. Não o poderíamos sequer insinuar, pois um desmentido formal logo viria das fotografias que ilustram esta página, onde pode ver-se um «natural» executado dentro de todos os princípios, com a observação de todas as regras. Tem defeitos? Quem duvida! Nada há absolutamente perfeito, mas não podemos esquecer que se Garcia fosse tecnicamente mediano, nunca poderia ter tantas identidades com Gaona, identidades tão manifestas que uma tarde, na praça de «El Toreo» do México, estando Rodolfo a assistir à corrida com sua esposa, esta, no fim do espectáculo, ao felicitar Gregório, disse-lhe que só ele poderia ter tornado possível voltar a «ver» tourear seu marido, dez anos após ter-se retirado das lides, tão semelhante se mostrara ao maior dos toureiros nascidos no México!

É que esse rapaz que ninguém conhecia, esse rapaz que nunca passaria de uma figura apagada, esse «americano» à procura de empregos, tomará a alternativa de matador de touros em Outubro próximo, depois de ter conseguido o que nenhum mais conseguiu: tourear na mesma época doze corridas em «El Toreo».

Gregório Garcia, saudável de sua mãe e com a nostalgia da Pátria distante, voltará ao México. Que tenha sorte e que volte um dia a trazer-nos de novo, com a arrogante beleza do seu toureiro, a mesma animação que esta época levantou a «afición» portuguesa. É que, enquanto houver toureiros assim, que não enganam nem apoucam, não morrerá em Portugal o gosto pela festa brava — por essa festa magnífica, sinfonia incomparável de luz e de cor!

JAIME DUARTE DE ALMEIDA

QUANDO em Junho Gregório Garcia foi apresentado ao público de Lisboa, numa corrida em que o grande atractivo era o encontro Simão-Núncio e a reaparição da «ganaderia» de Palha, quasi ninguém conhecia esse rapaz simpático e simples que apenas tinha a recomendá-lo a circunstância de ser mexicano — dessa terra de toureiros pundonorosos e bravos.

A sua volta tinha-se bordado um réclamo froixo que nem chegara para lhe estabelecer um ambiente de curiosidade. Alternando com um «matador» espanhol já conhecido, se alguém esperava a «faena» grande não era certamente do novilheiro estreante.

Assim, foi com a maior surpresa, com verdadeiro assombro que a «afición» viu esse brioso moço avançar para o touro e abrir o seu capote para tirar quatro «verónicas» magníficas, de fazer calafrios, duma serenidade estonteante, que dum momento fizeram erguer toda a assistência numa explosão de louco entusiasmo. E logo a seguir «chicuelinas» que o próprio Manoel Jimenez invejaria, e «galeos» que Marcial não duvidaria rubricar, e «gaoneras» que o próprio Rodolfo aplaudiria sem reservas.

E que pares de bandarilhas! E que finura, que suavidade naquela «faenita» em frente do 6! E em tudo, em todos os momentos, que bravura, que alma toureira, que admirável temperamento!

O público não se cansou de dar palmas ao herói que se erguia majestosamente entre os destroços de uma «afición» desiludida, ludibriada, apoucada mesmo pelo labor das «estrélas» de primeira plana





Julio Verne

E O "MAIS PESADO QUE O AR" NA GUERRA MODERNA

A PÓS os decisivos esquadrões aéreos germânicos e italianos, o martelamento esmagador dos aparelhos anglo-americanos sobre a Itália e a bacia do Reno. Por entre o estrepito das imensas batalhas aéreo-navais, construíram-se uma técnica, uma tática e uma economia novas. As conseqüências de tão consideráveis fenómenos são imprevisíveis; mas a realidade evidente das novas condições sociais e nacionais derivadas da conquista pela hegemonia dos espaços aéreos, afirma-se com tal nitidez que a economia dos países neutros, talvez mais favorecida por isso mesmo, se apetrecha no sentido do convívio aéreo das relações comerciais. Documenta essa actividade a sempre exemplar Suíça.

Recordemos, porém, ante a actualidade flagrante destes dias emocionantes, o sensacional antecipador que foi Júlio Verne. Por entre a natural ficção romântica, exigida pelos leitores do século passado, as características de sólida previsão científica desse homem, espantosa de vivência, de uma luminosa e concreta antecipação, revelam-se com nítido recorte no seu «Robur, o conquistador».

Ali está, descontado o perdoável «chauvinismo» do autor, toda a guerra moderna nossa contemporânea:

— Quem é este Robur? Sabe-se hoje. Ele é a ciência futura, a de amanhã talvez. É o pectúlio certo do futuro. Quanto ao seu «Albatroz», continuará a viajar através da atmosfera terrestre, nesse domínio que ninguém lhe pode roubar? Não é permitido duvidar. «Robur, o conquistador», tornará a aparecer um dia, como anunciou. Sim! Denunciará o segredo de uma invenção que pode modificar as condições sociais e políticas do mundo.

E, em três linhas finais, esse homem genial cuja vida provinciana decorreu entre Nantes e Amiens e dos anos de 1828 aos de 1905, mas cujas obras fundamentais foram escritas de 1860 a 1880, afirma categoricamente:

— O futuro da locomoção aérea, pertence à aéro-nave e não ao aéro-stato. É aos «Albatroz» que está definitivamente reservada a conquista do ar.

Em meio da sua novela, e depois de descrever com o máximo de exactidão uma fortaleza voadora dos nossos dias, ao seu genial «mais pesado que o ar», teoricamente dotado já de vários motores e hélices, construído de materiais quasi incombustíveis e inquebráveis, é-lhe determinada a função de grande construtor da economia geopolítica que hoje tem, na verdade.

— Se algum geógrafo tivesse à sua disposição um tal aparelho, com que facilidade procederia

ao levantamento topográfico dos países, obteria as cotas de altitude, fixaria o curso dos rios e seus afluentes, determinaria a posição de cidades e aldeias! E desapareceriam dos mapas esses claros a tintas pálidas, essas linhas a pontos, essas designações vagas que constituem o desespero dos cartógrafos...

E quando Robur expõe, ante o seu auditório de anglo-americanos, pertinazes na sua teima do «mais leve que o ar», lá recorda o nosso padre Bartolomeu de Gusmão nos seguintes termos:

— ...o monge voador em Lisboa...

É curiosa esta referência ao inventor da «Pas-sarola». Ela demonstra-nos que, até nos factos pouco conhecidos de Júlio Verne ou deformados pelo seu excesso de patriotismo, a razão obrigava, pelo menos, o espírito rebelde desse bretão teimoso, à menção equitativa e não desprimorosa dos outros antecipadores extra-franceses e que, neste e outros casos, somos nós os portugueses.

E a orgulhosa antecipação do seu Robur afirma-se, terminante, nestas palavras:

— Deve o homem renunciar à conquista do ar, a transformar os costumes civis e políticos do mundo, servindo-se deste admirável meio de locomoção? Não! E do mesmo modo que ele se tornou senhor dos mares, com o navio, por meio do leme e da vela, da roda e do hélice, do mesmo modo se tornará senhor do espaço atmosférico por meio de aparelhos mais pesados do que o ar, porque é necessário ser-se mais pesado do que ele, para se ser mais do que ele forte!

Dois momentos de dois homens célebres



Não se pode dizer que os homens responsáveis pelo destino dos povos e, muito mais ainda, pela orientação da guerra, não se dão ao luxo e ao prazer de ser, muitas vezes, pessoas bem dispostas. Pelo contrário: esse cenário de que se rodeavam, outrora, os chefes de Estado e os homens de importância decisiva no governo dos povos, parece que passou de moda, como os mantos de arminho e os trajes complicados. A indumentária, como o protocolo, simplificou-se com o invento do motor, da rádio, do jornal, da máquina fotográfica. De facto, hoje a publicidade e a propaganda apoderaram-se da intimidade dos grandes homens — e nada há que lhes resista. Todos os momentos, todos os gestos, todas as idéias lhes são devassadas — e, vá lá, às vezes nem sempre com benefício das vítimas da curiosidade pública, essa deusa insatisfeita que reclama dos jornais, das revistas, do cinema e da rádio, sempre coisas novas, diferentes — e proibitivas...

Nesta ordem de curiosidade — vimos que não são más as fotos aqui acima reproduzidas. O leitor ficará assim sabendo que Sua Magestade Britânica, quando assistiu a uma festa recente, a bordo de um barco de guerra que visitou, riu a bom rir com a graça dos artistas — que infelizmente se não vêem aqui. E, como o rei Jorge VI, toda a oficialidade que o acompanhava riu também — porque o optimismo cultivado, por meio de festas, entre os soldados, também é necessário aos homens responsáveis...

Na outra foto, vemos Knox, o ministro da marinha americana. Um repórter indiscreto surpreendeu-o assim, no «fumo» de um teatro, quando num intervalo do espectáculo ouvia uma anedota — por certo das melhores — a um senador norte-americano.



Há um ano que o Brasil está em guerra. E há um ano também que, quando Roosevelt se deslocava, numa viagem longa, a Casablanca, para verificar os resultados dos desembarques monstros que levaram as Nações Unidas às vitórias de África e da Sicília — o Presidente dos Estados Unidos da América do Norte passava pelo Natal, onde havia de se encontrar com Getúlio Vargas, Presidente da República Brasileira. A foto mostra-nos os dois Chefes de Estado, naquela cidade do Brasil, quando inspeccionavam uma base naval e ouviam as explicações de um oficial brasileiro.